



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

ÁLVARO DAVID MARINHO FAMA

CONCEPÇÕES DOS ALUNOS DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE ENSINO MÉDIO
SOBRE MEDIDAS DE PROFILAXIA CONTRA O HIV

FORTALEZA

2021

ÁLVARO DAVID MARINHO FAMA

CONCEPÇÕES DOS ALUNOS DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE ENSINO MÉDIO
SOBRE MEDIDAS DE PROFILAXIA CONTRA O HIV

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Biológicas do Departamento de Biologia da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Ciências Biológicas.

Orientadora: Profa. Dra. Erika Freitas Mota.

FORTALEZA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

F195c Fama, Álvaro David Marinho.
Concepções dos alunos de uma escola pública de ensino médio sobre medidas de profilaxia contra o HIV / Álvaro David Marinho Fama. – 2021.
69 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências, Curso de Ciências Biológicas, Fortaleza, 2021.
Orientação: Profa. Dra. Erika Freitas Mota.

1. Conscientização. 2. Educação. 3. Saúde. I. Título.

CDD 570

ÁLVARO DAVID MARINHO FAMA

CONCEPÇÕES DOS ALUNOS DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE ENSINO MÉDIO
SOBRE MEDIDAS DE PROFILAXIA CONTRA O HIV

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Biológicas do Departamento de Biologia da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Ciências Biológicas.

Orientadora: Profa. Dra. Erika Freitas Mota.

Aprovado em : ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Erika Freitas Mota (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Gislainy Karla da Costa Barbosa
Secretaria de Educação do Ceará (SEDUC)

Profa. Ma. Raquel Sales Miranda
Secretaria de Municipal de Educação de Fortaleza (SME)

Dedico este trabalho a minha mãe e minha avó
que sempre me apoiaram em tudo e cuidaram
de mim a vida toda.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por nunca ter me deixado desistir de realizar meu sonho de ser professor e biólogo.

À minha mãe Zilene.

À professora Erika que é uma ótima professora e orientadora.

À professora Zélia do meu ensino médio, Luana minha orientadora do estágio, meus amigos da vida pessoal (Miriam, Talita, Kátia e Neudes).

Aos meus amigos de Jaguaribe, Augusto e dona Enilzete e sua família que me trataram como um filho.

À Erny que se tornou uma grande amiga em Jaguaribe e à Luana Lima, a professora mais legal do IFCE – *Campus Jaguaribe*.

Ao Edson por sempre estudarmos juntos.

À Reijany, com quem sempre saía para conversar e fazer festas em Jaguaribe.

À Cícera, Paulo e Jéssica, pessoas com quem mantenho contato até hoje.

À Universidade Federal do Ceará (UFC) e aos meus amigos do curso de Biologia, Iuri, Jessica Nayane, Jessica e Leticia que foram meus primeiros amigos do Pici.

A sexualidade é um componente intrínseco da pessoa e fundamental na saúde de adolescentes e jovens, que transcende o aspecto meramente biológico, manifestando-se também como um fenômeno psicológico e social, fortemente influenciado pelas crenças e valores pessoais e familiares, normas morais e tabus da sociedade. (BRASIL, 2010, p. 32)

RESUMO

A síndrome da imunodeficiência adquirida ou AIDS (acrônimo do inglês- Acquired Immune-Deficiency Syndrome) é uma doença causada pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV, acrônimo do inglês, Human Immunodeficiency Vírus). Apesar de existirem várias ações educativas para a população que trabalham sobre as vias de transmissão do vírus, prevenção e tratamento, como também para tentar diminuir o estigma e preconceito que a doença acarreta, muitos indivíduos ainda relacionam essa enfermidade com um grupo específico de pessoas e formas errôneas de contaminação com o vírus. Dessa forma, mesmo com a diversidade de ações, fontes de pesquisa e facilidades de acesso a informações via internet, a escola continua sendo muito importante para trabalhar o conhecimento e mudanças de comportamento em relação ao HIV/AIDS e auxiliar na prevenção entre adolescentes. A presente pesquisa foi realizada nas turmas de 1º, 2º e 3º ano do ensino médio em uma escola localizada no município de Maracanaú-CE. No primeiro momento, foi realizado um questionário para entender os conhecimentos dos estudantes a respeito das medidas profiláticas contra o HIV. Em seguida, os resultados da pesquisa foram utilizados para a construção de um folder explicativo versando sobre as temáticas que foram abordadas no questionário e com foco nas questões com maior número de erros e que os estudantes tiveram maiores dificuldades em responder. No segundo momento, o folder foi disponibilizado para a turma em arquivo, uma vez que a apresentação por aula remota teve baixa adesão por parte dos estudantes. Após os alunos terem contato com o folder, foi enviado um formulário para saber as opiniões a respeito do material educativo. De acordo com os resultados do questionário, os estudantes possuem uma boa compreensão sobre medidas profiláticas contra o HIV, ainda assim, nota-se que existe a necessidade de ser trabalhada essa temática na sala de aula, isso precisa ser repensado e organizado durante o período letivo.

Palavras-chave: Conscientização; Educação; Saúde.

ABSTRACT

The Acquired Immune-Deficiency Syndrome (AIDS) is a disease caused by the Human Immunodeficiency Virus (HIV). Although there are several educational actions for the population that work on the ways of transmitting the virus, prevention and treatment, as well as trying to reduce the stigma and prejudice that the disease entails, many individuals still relate this disease to a specific group of people and erroneous forms of contamination with the virus. Thus, even with the diversity of research sources and easy access to information via the internet, the school continues to be very important to work on knowledge and changes in behavior in relation to HIV/AIDS and to help with prevention among adolescents. The present research was carried out in classes of 1st, 2nd and 3rd year of High School in a school located in the city of Maracanaú-CE. At first, a questionnaire was carried out to understand the students' knowledge about prophylactic measures against HIV. Then, the research results were used to build an explanatory folder dealing with the themes that were addressed in the questionnaire and focusing on the questions with the highest number of errors and which the students had the greatest difficulty in answering. In the second moment, the folder was made available to the class on file, since the presentation by remote class had low adherence by the students. After the students had contact with the folder, a form was sent to find out their opinions about the educational material. According to the results of the questionnaire, students have a good understanding of prophylactic measures against HIV, yet it is noted that there is a need to work on this issue in the classroom, this needs to be rethought and organized during the period academic.

Keywords: Awareness; Education; Health.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Respostas dos estudantes sobre o HIV.....	24
Gráfico 2	Conhecimento dos estudantes a respeito do que se trata o HIV.....	25
Gráfico 3	Respostas dos alunos sobre qual enfermidade está relacionada com o HIV....	26
Gráfico 4	Respostas dos alunos sobre medidas profiláticas.....	27
Gráfico 5	Respostas dos alunos a respeito da função do preservativo.....	28
Gráfico 6	Opinião dos estudantes a respeito de contaminação através de materiais perfurocortantes	28
Gráfico 7	Opinião dos alunos sobre o contato físico ser uma possível fonte de contaminação	29
Gráfico 8	Resposta dos alunos a respeito de condutas profiláticas.....	30
Gráfico 9	Opinião dos alunos sobre a importância da doação de sangue como medida preventiva	31
Gráfico 10	Opinião dos alunos a respeito da gratuidade dos serviços públicos	32
Gráfico 11	Resposta dos alunos sobre o que é a Profilaxia Pós-Exposição de Risco.....	33
Gráfico 12	Resposta dos alunos a respeito da Profilaxia Pré-Exposição.....	33
Gráfico 13	Opinião dos estudantes sobre a criação do folder.....	36
Gráfico 14	Resposta dos estudantes sobre o folder.....	37
Gráfico 15	Resposta dos alunos sobre o conteúdo do folder.....	37
Gráfico 16	Avaliação do folder por nota.....	38

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Tabela perfil sociodemográfico: Sexo.....	23
Tabela 2	Tabela perfil sociodemográfico: Idade.....	23
Tabela 3	Tabela perfil sociodemográfico: Turma.....	24
Tabela 4	Respostas dos alunos sobre perguntas pessoais.....	35

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIDS	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
HIV	Vírus da Imunodeficiência Humana
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
SUS	Sistema Único de Saúde
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PEP	Profilaxia Pós-Exposição ao HIV
PrEP	Profilaxia Pré-Exposição ao HIV

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	14
2.1	HIV/AIDS: Breve contexto histórico no mundo.....	14
2.2	Promoção da saúde.....	15
2.2.1	Medidas profiláticas.....	16
2.3	Saúde e educação sexual na escola.....	17
2.4	A temática nos documentos norteadores: Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e Base Nacional Comum Curricular (BNCC).....	19
3	METODOLOGIA.....	21
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	23
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
	REFERÊNCIAS.....	41
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS	
	APÊNDICE B – FOLDER DISPONIBILIZADO PARA OS ALUNOS	
	APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS	

1 INTRODUÇÃO

O vírus da imunodeficiência humana (HIV) ainda é um grande tabu e pouco discutido na sociedade, principalmente, no ambiente escolar, então é preciso traçar objetivos para atenuar a sua disseminação, sobretudo, entre os jovens que geralmente carecem dessas informações básicas de saúde. A escola precisa abordar esses assuntos gradativamente durante o período letivo abordando conteúdos sobre educação sexual, pois:

De 2007 até junho de 2020, foram notificados no Sinan 342.459 casos de infecção pelo HIV no Brasil, sendo 152.029 (44,4%) na região Sudeste, 68.385 (20,0%) na região Sul, 65.106 (19,0%) na região Nordeste, 30.943 (9,0%) na região Norte e 25.966 (7,6%) na região Centro-Oeste. No ano de 2019, foram notificados 41.919 casos de infecção pelo HIV, sendo 4.948 (11,8%) casos na região Norte, 10.752 (25,6%) no Nordeste, 14.778 (35,3%) no Sudeste, 7.639 (18,2%) no Sul e 3.802 (9,1%) no Centro-Oeste. (BRASIL, 2020, p. 11)

Durante o ano de 2016, fui bolsista durante 1 ano e 3 meses do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), onde atuei em conjunto com outros bolsistas executando minipalestras e aulas educativas no ensino médio. Houve várias palestras de diversas temáticas da biologia como: Zoonoses, Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), Automedicação e Botânica. Nesse breve período, foi possível constatar o quanto é essencial o papel do professor na sociedade e como ele pode mudar e ajudar no crescimento social. O PIBID trabalha com alunos do ensino médio, onde os licenciandos devem se familiarizar com a sala de aula, lecionando palestras e cursos de biologia. Durante esse período, despertou o meu interesse para realizar essa pesquisa, principalmente pelas frequentes perguntas que surgiam durante as palestras, demonstrando desinformação não condizente com a faixa etária e escolaridade desses estudantes.

O presente trabalho tem o objetivo de verificar o entendimento e concepção dos alunos sobre medidas de prevenção sobre o vírus da imunodeficiência humana (HIV). A atividade foi elaborada na forma de palestra, onde houve a distribuição de camisinhas e destacou-se os principais métodos contraceptivos, também foi feita uma parte, abordando as verdades e mentiras sobre o contágio do HIV.

Isso me fez refletir que por mais que o tema de HIV e IST sejam muito recorrentes, ainda existe muito o que se fazer, então refleti que minha proposta de projeto para o trabalho de conclusão de curso (TCC) seria tentar entender se os alunos têm conseguido se informar e se o que eles entendem realmente é o correto, e como a escola ajuda nessa caminhada sobre essa temática.

Em virtude do isolamento social por conta da pandemia de COVID-19, tornou-se inviável a execução da pesquisa de forma presencial. Os resultados poderiam ter sido diferentes se a palestra e outras atividades tivessem sido aplicadas de forma presencial.

Na minha convivência como aluno no ensino médio existiam algumas palestras que alguém

da prefeitura realizava na escola, não lembro de nenhuma ação realizada sobre essa temática partindo diretamente da escola, nem por parte dos próprios professores, mas espero que essa realidade já tenha mudado, porque terminei meu ensino médio há mais de 10 anos. Minha hipótese é que a partir das facilidades que a internet nos trouxe os jovens tenham mais autonomia e curiosidade para buscar todo tipo de informações, e com isso já entendem melhor os meios profiláticos contra o HIV. Outra hipótese é que eles já tenham tido contato sobre o tema, mas entenderam de maneira errônea.

Quando pensei em realizar algo sobre essa temática, muitos colegas do curso mais próximos me criticaram indiretamente, "indagando faça algo novo", " algum objeto mais inovador que realmente vá trazer resultado", "esse tema já está muito ultrapassado", "você precisa focar em algo que ninguém nunca abordou".

A justificativa deste trabalho é mostrada quando pegamos os dados de contaminação e refletimos que ainda existem muitas pessoas se infectando. Outro ponto será a realização em meio a uma pandemia, algo que essa geração ainda não tinha vivenciado.

A pesquisa foi realizada em um momento diferente da rotina comum, o ensino remoto emergencial, logo, é uma nova fonte de informação. O mundo com essa pandemia não é mais o mesmo, esse trabalho vai tentar levar informação em um contexto de vida totalmente novo. De acordo com Martins e Almeida (2020), como para reduzir a disseminação do novo coronavírus é exigido o distanciamento social, as instituições de ensino precisaram suspender aulas e cursos em larga escala, e a alternativa foi continuar de forma remota ou não presencial.

Com esta pesquisa tive a oportunidade de fazer algo em uma realidade totalmente diferente, o modelo em formato digital, precisamos reforçar no âmbito escolar essas informações, para instruir esses jovens que passam por um período muito conturbado como é a adolescência e com isso possam caminhar por essa fase da vida com um pouco de instrução sobre essa temática e, conseguir evitar futuros problemas com o HIV. Neste trabalho buscou-se verificar a concepção de conhecimento dos alunos sobre métodos profiláticos contra o HIV. De acordo com Brasil (2006), a UNAIDS no seu relatório mostrou que as pessoas mais pobres e com baixa taxa educacional são as mais vulneráveis ao HIV no Brasil.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesse tópico são abordadas temáticas sobre o contexto do começo da epidemia da síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS) e como ela ocorreu no mundo e no Brasil, questões envolvendo como é a promoção à saúde no nosso sistema público e quais medidas são oferecidas gratuitamente para a população. Trata-se de forma concisa a respeito das principais medidas profiláticas contra o HIV e também é citado como a educação inclui essa temática para ser aplicada na sala de aula.

2.1 HIV/AIDS: Breve contexto histórico no mundo.

O vírus da imunodeficiência humana, popularmente conhecido como (HIV), pode acarretar a síndrome da imunodeficiência adquirida mais popularmente conhecida como AIDS. Diferente de outros tipos de vírus, o corpo humano não consegue uma forma de se defender do HIV. Com isso, uma vez contraído o vírus, o indivíduo terá que conseguir conviver com ele, pois não tem cura (UNAIDS, 2017).

De acordo com Deresz *et al.* (2007, p. 275), a AIDS é o último estágio da infecção causada pelo HIV. Sua principal característica é a imunossupressão progressiva, que torna os organismos sob ataque sujeitos ao crescimento e desenvolvimento de doenças oportunistas e, se não tratados, podem levar à morte de indivíduos.

A identificação, em 1981, da síndrome da imunodeficiência adquirida, habitualmente conhecida como AIDS, tornou-se um marco na história da humanidade. A epidemia da infecção pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV) e da AIDS representa fenômeno global, dinâmico e instável, cuja forma de ocorrência nas diferentes regiões do mundo depende, entre outros determinantes, do comportamento humano individual e coletivo. A AIDS destaca-se entre as enfermidades infecciosas emergentes pela grande magnitude e extensão dos danos causados às populações e, desde a sua origem, cada uma de suas características e repercussões tem sido exaustivamente discutida pela comunidade científica e pela sociedade em geral. (BRITO; CASTILHO; SZWARCOWALD, 2001, p. 207)

Mesmo após vários estudos, nesses últimos 40 anos, a sociedade ainda estereotipa que apenas os grupos de homossexuais têm mais chance de serem afetados pelo vírus. De acordo com Vasconcelos (2019), as pessoas do grupo LGBTQIA+ ¹estão em grupos de vulnerabilidade por questões sociais, sendo excluídos da sociedade e discriminados e com isso, muitas vezes, não tendo acesso a programas de prevenção contra essa enfermidade.

É importante destacar que nenhum grupo está imune dessa infecção, pois ela não escolhe gênero, raça ou classe social. De acordo com UNAIDS [s.d.], o fato de ser pertencente a um determinado grupo não é um fator de risco, mas diante dos comportamentos podem vir a ser, o termo grupo de risco acaba gerando uma falsa vantagem imunológica em pessoas que têm certos

1- LGBTQIA+ o movimento político e social que defende a diversidade e busca mais representatividade e direitos para a comunidade. O seu nome demonstra a sua luta por mais igualdade e respeito à diversidade.(Educa +Brasil)

comportamentos de risco, mas se dizem não pertencer a esses determinados grupos. Com isso, pode-se aumentar o estereótipo e alavancar ações discriminatórias contra determinados grupos. (UNAIDS, [s.d]).

Segundo Campana (2019), em São Paulo em 1983, foi notificado o primeiro caso no Brasil, tratava-se de um jovem gay que tinha febre e perda de peso, com gânglios pelo corpo e que foi diagnosticado com tuberculose. Durante a realização do 2º Congresso Brasileiro de Infectologia, no mesmo ano, outros casos foram expostos e nesse evento, relata-se que Albert Sabin, um grande pesquisador da área de vacinas, fez um pronunciamento para proibir os gays de realizar doação de sangue.

No Brasil, em 2019, foram diagnosticados 41.919 novos casos de HIV e 37.308 casos de Aids. O Ministério da Saúde estima que cerca de 10 mil casos de Aids foram evitados no país, no período de 2015 a 2019. A maior concentração de casos de Aids está entre os jovens, de 25 a 39 anos, de ambos os sexos, com 492,8 mil registros. Os casos nessa faixa etária correspondem a 52,4% dos casos do sexo masculino e, entre as mulheres, a 48,4% do total de casos registrados. (BARUFI, 2020, p. 1)

De acordo com Brasil (2020), atualmente, existem aproximadamente 920 mil pessoas vivendo com o HIV no nosso país. Destes 89% foram diagnosticadas, apenas 77% fazem tratamento com antirretroviral, e 94% dos que fazem tratamento não transmite o vírus por via sexual por consequência na baixa carga viral que é considerada indetectável. No ano de 2020, até o mês de outubro, aproximadamente 642 mil pessoas estavam em tratamento. Já em 2018, eram cerca de 593.594 pessoas. No Ceará, o boletim epidemiológico mostra as notificações em um período de 10 anos, entre 2009 e 2019.

No período de 2009 a 2019 foram notificados 11.132 casos de aids e 11.123 casos de HIV no estado. Como observado na série histórica, a epidemia de aids mostra estabilização nas taxas de detecção, com um declínio acentuado a partir do ano de 2012. Em contrapartida a taxa de detecção do HIV vem crescendo ao longo dos anos, passando de 2,5 casos/100.000 hab. em 2009 para 21,0 casos/100.00 hab. em 2018. (FORTALEZA, 2019, p. 1)

2.2. Promoção da saúde

De acordo com Buss (2000), a divulgação em saúde vem sendo compreendida nos últimos 20-25 anos, representa uma grande operação para conseguir enfrentar os vários problemas de saúde que afetam as populações e seus entornos neste fim de século. Parte de uma concepção ampla do processo saúde e doença e seus determinantes, propõe uma explicação do saber técnico e do saber público, e mobiliza instituições públicas e privadas e recursos comunitários para enfrentamento e resolução.

Segundo Edmundo *et al.* (2007, p. 128), nas regiões urbanas do Brasil, as populações mais carentes moram nas favelas, um dos mais comuns locais onde a sinergia de pragas é encontrada.

Desse modo, as favelas apresentam grandes índices de doenças infecciosas e não-infecciosas, abuso de drogas e de álcool, violência doméstica e estrutural, depressão, discriminação, abuso de crianças e violação dos direitos humanos e, nas últimas décadas, a infecção pelo HIV. De acordo com Brasil [s.d.], a educação em saúde visa garantir a possibilidade de efetividade e mudança de atitudes e hábitos de aprendizagem da vida e promoção da saúde.

Ainda segundo o Brasil [s.d.], nos últimos 10 anos, no país, vem se instalando gradativamente a concepção e cultura de que saúde é um direito de todos e dever do Estado. Um ponto importante foi iniciado ao se promulgar a constituição de 1988, que reserva o direito de todos, sem qualquer tipo de preconceito, as ações de saúde, assim como destaca o dever das autoridades públicas em prover pleno aproveitamento desse direito.

A promoção da saúde ocorre, portanto, quando são asseguradas as condições para a vida digna dos cidadãos, e, especificamente, por meio da educação, da adoção de estilos de vida saudáveis, do desenvolvimento de aptidões e capacidades individuais, da produção de um ambiente saudável, da eficácia da sociedade na garantia de implantação de políticas públicas voltadas para a qualidade da vida e dos serviços de saúde. (BRASIL, [s.d.], p. 255)

Tem-se ainda a infecção pelo HIV em crianças e adolescentes, que de acordo com Silva *et al.* (2016, p. 523), acontece principalmente por transmissão vertical e horizontal, sendo a vertical, por causa da infecção causada pela condição sorológica materna de HIV positivo e a horizontal, consequência de infecção sanguínea ou sexual.

2.2.1 Medidas Profiláticas

Segundo Leite *et al.* (2007, p. 434), os primeiros preservativos foram usados desde a Roma Antiga. Eles eram preparados a partir da bexiga de alguns animais com o objetivo de se livrar de doenças, que eram mais conhecidas como as doenças sexualmente transmissíveis.

De acordo com Fiocruz (2018), para não se infectar com o HIV, é recomendado o uso do preservativo durante o ato sexual, tomar cuidado com a utilização de seringas e agulhas descartáveis e com luvas que manipulam feridas e fluidos corporais, também testar o sangue que vai ser transferido. As mães soropositivas devem tomar os medicamentos durante a gestação para prevenir a transmissão vertical para os seus filhos.

A Prevenção Combinada associa diferentes métodos de prevenção ao HIV, às IST e às hepatites virais (ao mesmo tempo ou em sequência), conforme as características e o momento de vida de cada pessoa. Entre os métodos que podem ser combinados, estão: a testagem regular para o HIV, que pode ser realizada gratuitamente no Sistema Único de Saúde (SUS); a prevenção da transmissão vertical (quando o vírus é transmitido para o bebê durante a gravidez); o tratamento das infecções sexualmente transmissíveis e das hepatites virais; a imunização para as hepatites A e B; programas de redução de danos para usuários de álcool e outras substâncias; profilaxia pré-exposição (PrEP); profilaxia pós-exposição (PEP). (BRASIL, [s.d.], p. 1)

A medida profilática mais tradicional é a camisinha devido a sua distribuição gratuita e o seu preço bastante acessível, de acordo com Toledo e Araújo (2018): “a camisinha é a medida contraceptiva mais acessível por ter seu preço a baixo custo, e com distribuição gratuita nos postos de saúde, que pode evitar várias transmissões de doenças como a Aids e Sífilis”. Para Giv (2021), esse continua sendo o método mais seguro e eficaz para prevenir uma futura IST, como a sífilis ou a AIDS e alguns tipos de hepatites em qualquer tipo de relação sexual (anal, oral ou vaginal), isso independente da orientação sexual da pessoa.

De acordo com Brasil [s.d.], a profilaxia pré-exposição (PrEP) ao HIV é uma nova alternativa e trata-se de um novo método para prevenir a infecção pelo HIV. A PrEP é uma pílula que pode ser tomada diariamente antes de uma pessoa entrar em contato com o vírus para evitar que o vírus que causa a AIDS infecte o corpo.

Ainda segundo Brasil [s.d.], a PrEP é uma combinação de duas drogas (tenofovir + emtricitabina) que podem atuar bloqueando certas "vias" que o HIV usa para infectar seu corpo. Se a pessoa tomar PrEP todos os dias, o medicamento pode prevenir a infecção pelo HIV de se espalhar para o seu corpo. Essa medida é considerada um avanço na política de prevenção contra o HIV. (SILVA; CUETO, 2018). Está no sistema de saúde desde o mês de dezembro de 2017, presente em 36 locais de tratamento de 11 estados do Brasil, mas é indicada pela OMS desde 2012, para populações com mais chances de pegar o vírus, como trabalhadores do sexo. “A PrEP baseia-se no uso de medicamento antirretroviral, neste caso o Truvada – sozinho ou associado a outros –, por pessoas não infectadas que compõem os segmentos mencionados” (SILVA; CUETO, 2018, p. 311).

Já a profilaxia pós-exposição (PEP) está disponível no SUS desde 1999. De acordo com Brasil (2017), esta é uma grande aliada que está inserida nas estratégias da prevenção combinada e cujo propósito é ampliar as maneiras de intervenção para evitar infecções pelo HIV.

A PEP – Profilaxia Pós-Exposição – é o uso de medicamentos antiretrovirais por pessoas após terem tido um possível contato com o vírus HIV em situações como: violência sexual; relação sexual desprotegida (sem o uso de camisinha ou com rompimento da camisinha), acidente ocupacional (com instrumentos perfurocortantes ou em contato direto com material biológico). Para funcionar, a PEP deve ser iniciada logo após a exposição de risco, em até 72 horas; e deve ser tomada por 28 dias. (BRASIL, [s.d.], p. 1)

A PrEP e a PEP são mais um reforço para se combater o HIV no sistema público de saúde brasileiro.

2.3. Saúde e educação sexual na escola

Para iniciar esse tópico é preciso falar um pouco sobre a proteção dos direitos das crianças e

adolescentes que estão presentes no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) que tem como principal enfoque a proteção integral de adolescentes e crianças, sem separação por cor, raça ou classe social, todos têm direitos (BRASIL, 2020). Nesse contexto, o artigo 11 do ECA, que foi reformulado no governo do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, assegura o atendimento integral aos adolescentes e crianças por meio do SUS, promovendo o acesso igualitário e universal para proteção e recuperação e saúde. Vale ressaltar que:

A sexualidade é um componente intrínseco da pessoa e fundamental na saúde de adolescentes e jovens, que transcende o aspecto meramente biológico, manifestando-se também como um fenômeno psicológico e social, fortemente influenciado pelas crenças e valores pessoais e familiares, normas morais e tabus da sociedade. (BRASIL, 2010, p. 32)

De acordo com Brasil [s.d.], no começo da sua vida escolar, a criança carrega valores de comportamentos relativos à saúde adquiridos de seu âmbito familiar, e de outros grupos com relação mais direta ou dos meios de comunicação. Durante a infância e adolescência, um período crítico de construção de comportamento, a escola passou a desempenhar um papel importante devido ao seu desenvolvimento trabalho sistemático e contínuo.

Segundo Nardi e Quartiero (2012), desde 1928, o Brasil prevê a lei da educação sexual na escola:

A lei brasileira prevê a educação sexual na escola desde 1928, entretanto, até 1950, apesar desses programas apresentarem um caráter higienista, havia uma significativa resistência à sua implantação, notadamente campanhas de oposição influenciadas pela Igreja Católica, pois esta reivindicava a exclusividade da formação neste campo. (NARDI; QUARTIERO, 2012, p.65)

Alguns avanços têm ocorrido, mas muito lentamente e com alguns retrocessos. Ainda segundo essas autoras, na década de 1970, a política começou a mudar, pois quando o movimento feminista passou a exigir uma educação sexual não sexista, embora vivida com frequência, essa discussão não se espalhou nas escolas brasileiras.

Segundo Montardo (2008), no início dos anos 1980, existiam discursos favoráveis para a solidificação do ambiente escolar como o local mais propício para a educação sexual, e a necessidade de professores qualificados para desenvolverem trabalhos nessa área, deixando a família participando como auxiliar. Esse mesmo autor aponta que nas primeiras décadas do século XX, há uma discussão sobre a importância da educação sexual para os adolescentes na sociedade Brasileira e as questões relacionadas sobre quem terá o papel de educador, em que ambiente deve ocorrer, ou seja, quais os locais certificados como detentor de saber sexual.

Tendo em vista que a juventude é considerada a mais satisfatória fase da vida, mas ao mesmo tempo um período de grandes ameaças, primeiramente, por potenciais danos físicos e psíquicos, seguidas de possíveis problemas relacionados à saúde, é preciso que sejam revistos quais

são essas ameaças e como preveni-las. Nesse contexto, devem receber atenção a relação social no qual o indivíduo poderá estar exposto a violência e ao uso de drogas, e a sexualidade, onde o principal fator é a iniciação precoce à sexualidade, onde o indivíduo pode estar exposto a AIDS e a gravidez na adolescência (HEILBORN; AQUINO; KNAUTH, 2006).

Ainda sobre o período da juventude ser marcado por todas as diversidades, Magalhães et al. (2008) destacam que algo registrado durante a formação social é que os jovens aprendem com o passar do tempo a vencer os desafios, a experimentar novos tipos de emoções e descobrem o exercício sexual, mas carecem de informações claras para saber lidar com essa realidade.

Com isso, para que o prazer não traga malefícios como uma gravidez indesejada ou uma possível contaminação, é preciso que os responsáveis e as escolas consigam romper os tabus e conversar com os jovens a respeito de práticas sexuais, mostrando a realidade porque não podemos deixar que vários jovens continuem se contaminando por HIV por falta de informações. Uma maneira efetiva seria a implementação de fato da educação sexual nas escolas, pois a prática da sexualidade no período da adolescência poderá acarretar riscos de grau variável e acabar comprometendo o futuro e a própria vida, tendo em vista problemas como a gravidez precoce, AIDS, aborto e outras doenças sexualmente transmissíveis (SAILTO, LEAL, 2000). Dessa forma, reforçando a necessidade da escola incorporar a temática sexualidade na sua grade curricular, para com isso auxiliar os seus alunos.

2.4 A temática nos documentos norteadores: Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e Base Nacional Comum Curricular (BNCC)

De acordo com Brasil (1998), os Parâmetros Curriculares Nacionais foram elaborados com vista a, por um lado, respeitar a diversidade regional, cultural e política existente no país, por outro lado, considerar a necessidade de estabelecer uma referência nacional comum para o processo educacional em todas as regiões do Brasil. Com isso, criando condições nas escolas que nossos jovens adquiram uma série de conhecimentos expostos pela sociedade que é considerada necessária para o exercício da cidadania.

Ainda nos PCN (BRASIL, 1998), o ensino de ciências naturais é relativamente algo novo no nível fundamental, praticado de acordo com diferentes sugestões educacionais e essas sugestões sucedem em todo o processo. Atualmente, muitas práticas se baseiam apenas na transmissão de informações, tendo os livros didáticos e suas transcrições na lousa como recursos exclusivos; outros foram mesclados ao progresso no ensino e aprendizagem nas últimas décadas, especialmente sobre o ensino de ciências. Nesse contexto,

A partir de meados dos anos 1980, a demanda por trabalhos na área da sexualidade nas escolas aumentou devido à preocupação dos educadores com o grande crescimento da gravidez indesejada entre os adolescentes e com o risco da contaminação por HIV (vírus da Aids) entre os jovens. A princípio, acreditava-se que as famílias apresentavam resistência à

abordagem dessas questões no âmbito escolar, mas atualmente sabe-se que os pais reivindicam orientação sexual nas escolas, pois reconhecem não só a sua importância para crianças e jovens, como também a dificuldade de falar abertamente sobre esse assunto em casa (BRASIL,1997, p. 111 apud DINIS; ASINELLI-LUZ, 2007, p. 2)

Com os PCN, tem-se abertura para discussão de temas considerados transversais. Segundo Marinho, Silva e Ferreira (2014), vimos a importância das questões de transversalidade entrando nos currículos e que essa ideia de transversalidade foi inicialmente proposta como aposta para mudar e atualizar o ensino e no trabalho interdisciplinar.

Já a BNCC se trata de um documento de caráter normativo que define várias premissas de aprendizagens essenciais que todos os estudantes terão que desenvolver ao longo do percurso da Educação Básica, de uma forma que tenham garantidos seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, de acordo com o Plano Nacional de Educação (PNE). (BRASIL, 2018). Ainda no mesmo documento, observa-se que a BNCC almeja auxiliar na superação da fragmentação das políticas educacionais, possibilitando o fortalecimento do regime de colaboração entre as três esferas de governo e seja balizadora da qualidade da educação (BRASIL, 2018).

Sobre a transversalidade na BNCC, há um documento denominado de Temas Contemporâneos Transversais (TCT) onde se tenta buscar contextualizar tudo o que é ensinado, mostrando temas que sejam de interesse dos estudantes e que tragam relevância para o seu desenvolvimento como cidadão (BRASIL, 2019). A sua principal meta é fazer com que os estudantes não terminem seus estudos com conhecimentos apenas abstratos e sem contextualização, mas que conheçam e aprenda assuntos que são relevantes para a sua atuação na sociedade.

Assim, espera-se que os TCTs permitam ao aluno entender melhor: como utilizar seu dinheiro, como cuidar de sua saúde, como usar as novas tecnologias digitais, como cuidar do planeta em que vive, como entender e respeitar aqueles que são diferentes e quais são seus direitos e deveres, assuntos que conferem aos TCTs o atributo da contemporaneidade. (BRASIL, 2019, p. 7)

Ainda nesse mesmo documento, alguns teóricos já renomados, se perguntam sobre o futuro e a importância da educação, eles acreditam e defendem a necessária associação do conteúdo estudado na escola com a realidade do cotidiano. Eles consideram que é da educação a responsabilidade de transformar a realidade, optando por trabalhar de maneira do ensino clássico em conjunto com um ensino crítico social (BRASIL, 2019).

3 METODOLOGIA

A pesquisa tem a natureza qualitativa. De acordo com Gerhardt e Silveira (2009), a pesquisa de cunho qualitativo apenas mostra seu aspecto com dados que não podem ser quantificados, apenas compreendidos na forma da dinâmica de relações sociais.

Este trabalho foi realizado em uma escola pública de ensino médio em Maracanaú, município do estado do Ceará. Foram escolhidos alunos com faixa etária entre 15 e 17 anos, matriculados nos (1º, 2º e 3º anos) porque são um grupo que começa a ter os primeiros contatos com a vida sexual, e que falta maturidade a respeito sobre o tema, e com isso são mais vulneráveis a uma possível infecção. De acordo com Belisse (2009), a vida sexual está ocorrendo cada vez mais cedo na adolescência, isso tem agravado vários problemas no âmbito escolar, ocasionando uma gravidez indesejada ou alguma IST. Mesmo sendo um assunto relevante para idade dos estudantes, a participação na pesquisa foi voluntária, então ficou a critério de cada aluno.

Foram produzidos dois questionários por meio de uma plataforma eletrônica (Google Forms), o link foi enviado para os estudantes que responderam voluntariamente a algumas questões de conhecimento geral sobre o tema HIV e outras com ênfase em profilaxia e algumas de cunho pessoal.

A escolha para trabalhar com os questionários se deu principalmente porque esses são os procedimentos mais populares para se obter informações, sendo uma técnica simples e de baixo custo que garante o anonimato e consegue atender as finalidades de uma pesquisa (BARBOSA, 2008). Ademais, por conta das restrições impostas pela pandemia de COVI-19, uma alternativa viável para coletar dados em meio é a criação de formulários eletrônicos on-line na plataforma Google Forms, uma excelente ferramenta para auxiliar na coleta e organizar informações independentemente do tamanho, totalmente gratuita (GOOGLE, 2021).

O questionário foi aplicado no mês de agosto de 2021, entre os dias 02 e 05. Foram utilizados dois questionários como ferramenta de pesquisa que contém questões e outro contendo 4, sendo a maioria objetivas, onde as perguntas tinham respostas sim/não, verdadeiro ou falso e algumas de cunho pessoal.

Após cada participante ter respondido o primeiro questionário, os resultados foram analisados e utilizados para confecção de um folder educativo com ênfase nas questões em que os estudantes cometeram mais erros, para que com isso, pudessem ser trabalhos os conceitos corretos. A elaboração de um folder explicativo sobre maneiras de prevenção do vírus HIV foi feita por meio da plataforma Canva², em sua versão on-line e gratuita.

Na primeira semana de agosto, foi apresentada a proposta do trabalho, em seguida foi

2- Canva. Plataforma de design de imagens gratuita.

enviado o link com o formulário para os alunos realizarem a resolução. Esse 1º questionário ficou disponível por um período de 1 semana.

Na segunda semana, foi disponibilizado o folder explicativo para que os alunos pudessem ler, em seguida foi disponibilizado um questionário para os alunos avaliarem e sugerirem sua opinião no folder. O questionário de avaliação do folder ficou aberto para receber respostas por 2 dias.

A análise dos dados foi realizada a partir das respostas obtidas nos questionários e da literatura referente à temática do trabalho. Para as questões objetivas, os resultados obtidos nos Google Forms foram apresentados com gráfico, contendo os números absolutos e porcentagens. Os gráficos foram melhor estruturados a partir da plataforma Canva. Os resultados das questões subjetivas foram analisados nas planilhas fornecidas pelo Google Forms e transcritos. Inicialmente foi feita a leitura para exploração de todo o material recolhido, e em seguida, o material foi separado em unidades com as mesmas finalidades.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Breve análise do livro didático

Foram analisados os livros do 1º, 2º e 3º ano do ensino médio dos autores Marcela Ogo e Leandro Godoy, que são adotados na escola onde a pesquisa foi realizada e cuja vigência foi de 2018 a 2020. A série em que o contexto do HIV aparece é apenas no livro do 1º e 2º ano. A palavra HIV aparece primeiramente no final da unidade 3, capítulo 10, no subtema- Explorando o tema: Doação de sangue. Na unidade 4, onde se aborda o tema geral reprodução e embriologia, as temáticas sexualidade, respeito e métodos contraceptivos são discutidas de uma maneira mais ampla esse assunto. Esse livro traz a importância da camisinha e relata um breve resumo da história do HIV e existem 2 páginas falando sobre outras DSTs. No livro do 2º ano, o tema aparece no capítulo de vírus. Observa-se que a temática não aparece no livro adotado 3º ano, mas que ao participarem das pesquisas estes já deveriam ter visto esse assunto na sala de aula no 1º e 2º ano.

4.2 Perfil sociodemográfico

Responderam aos questionários 25 estudantes do ensino médio de uma escola da rede pública do município de Maracanaú-CE. Nessa primeira etapa foram feitas perguntas relacionadas à idade, gênero e série (Tabela 1).

Os participantes são em sua maioria do sexo feminino (13) e o restante do sexo masculino (12). A faixa etária varia entre 15 e 18 anos, sendo em sua maioria (52%) composta por alunos de 15 anos (Tabela 2). A maioria dos estudantes presentes na pesquisa estava cursando o 1º ano do ensino médio (15 no total), mas também participaram 10 alunos cursando 2º e 3º anos (Tabela 3).

Tabela 1: Tabela perfil sociodemográfico: Sexo

Sexo biológico	13/25= 52 %	Feminino
Sexo biológico	12/25=48%	Masculino

Fonte: elaborada pelo autor

Tabela 2: Tabela perfil sociodemográfico: Idade

Idade	15	16	17	18
Frequência	13	7	4	1
Porcentagem %	52%	28%	16%	4%

Fonte: elaborada pelo autor

Tabela 3: Tabela perfil sociodemográfico: Turma

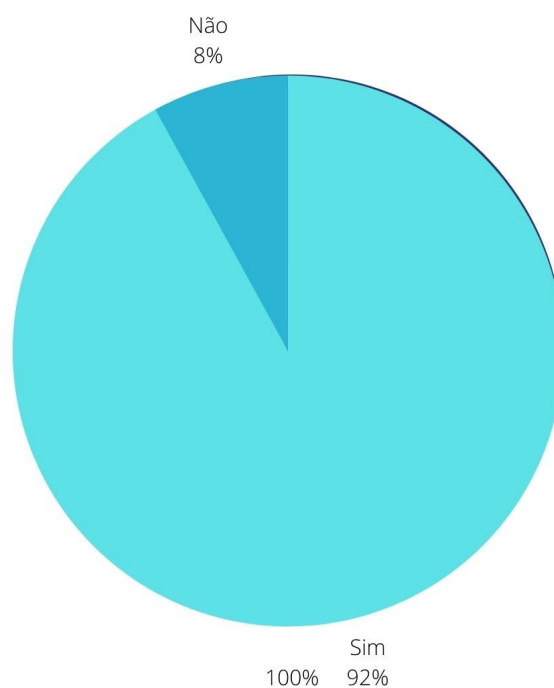
Turma	Frequência	Porcentagem %
1°	15	60%
2°	7	28%
3°	3	12%

Fonte: elaborada pelo autor

Nota-se que a maioria dos participantes é do sexo feminino 52%, a idade mais predominante foi a de 15 anos, e a turma predominante foi a do 1° ano.

4.3 Conhecimento sobre HIV

Nessa etapa, foi perguntado se os alunos conheciam o que era o HIV. Cerca de 90% (23 ao todo) dos alunos responderam que sim, que sabem o que é o HIV, enquanto 8% (2) responderam que não (Gráfico 1). Provavelmente, esse dado tem relação à sigla, que é umas das mais divulgadas e conhecidas. No entanto, muitos só a conhecem superficialmente e que ainda têm muitas dúvidas e estereótipos. De acordo com Santos (2013), a mídia foi uma grande influenciadora na questão de estereótipos e do preconceito a respeito do HIV/ AIDS, devido às suas matérias não claras e cheias de preconceito no início da epidemia. Alguns estereótipos como “Todo gay tem HIV e HIV é transmitido pelo ar”.

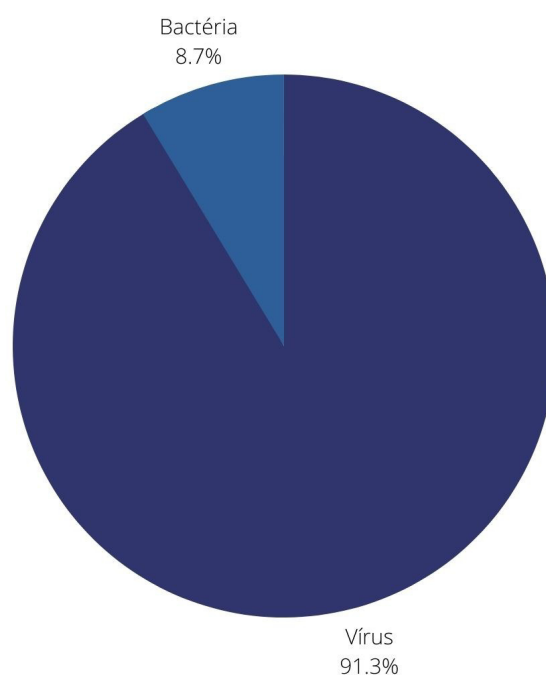
Gráfico 1 – Respostas dos estudantes sobre o HIV.

Fonte: elaborada pelo autor.

No gráfico 2, encontra-se a distribuição de respostas sobre do que se trata o HIV. A maioria dos alunos (91,3 % ou 21 ao todo) marcou que se trata de um vírus, e portanto, estes não tiveram dúvida em relação a essa questão. Mas ao se relacionar com os dados dos 23 que responderam saber o que era HIV (Gráfico 1), observa-se que dois estudantes destes 23 (8,7%), marcaram que o HIV se trata de bactéria. Esse dado fortalece a necessidade de se continuar trabalhando a temática na escola. Mesmo que com a pandemia causada por um novo coronavírus (SARS-CoV2), a mídia tenha focado muito nesse assunto e muitas pessoas começaram a se informar do que se trata um vírus e quais doenças são desenvolvidas por eles, ainda assim se faz necessária abordagem mais específica sobre o HIV, pois são vírus diferentes.

Com a pandemia, há mais de um ano ouvimos falar todos os dias sobre vírus, mais precisamente sobre o novo coronavírus (SARS-COV-2, causador da Covid-19), um ser tão pequeno que só pode ser visto com microscópio eletrônico, mas com um poder devastador. Apesar disso, existem muitas dúvidas sobre microrganismos invisíveis a olho nu, como vírus e bactérias, causadores de doenças nos seres humanos e com os quais convivemos há tempos. (BRASIL, 2021, p. 1).

Gráfico 2 - Conhecimento dos estudantes a respeito do que se trata o HIV.

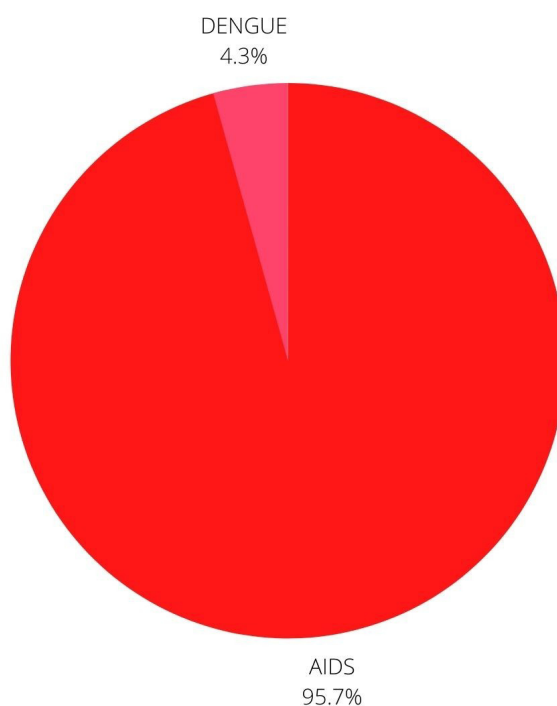


Fonte: elaborada pelo autor.

No gráfico 3, tem-se a distribuição das respostas da questão relacionada a “com qual enfermidade o HIV se relaciona”. Praticamente, todos os alunos responderam de forma correta (95% ou 22 de 23 estudantes) e sabem que o HIV está relacionado com a AIDS, enquanto 4,3% (1

de 23) associou o HIV à Dengue. Portanto, ainda há alunos que não compreendem a relação da AIDS e do HIV, fortalecendo a necessidade de continuidade de promover a educação em saúde e educação sexual nas escolas. Segundo Zucchi et al. (2010), um fato bastante marcante da epidemia da AIDS, além da sua transmissão e aspectos clínicos, foram as variedades e as diversas proporções de respostas criadas pelas sociedades. Conteúdos sobre o HIV precisam ser trabalhados de forma mais gradativa durante o período letivo nas escolas.

Gráfico 3 - Respostas dos alunos sobre qual enfermidade está relacionada com o HIV.



Fonte: elaborada pelo autor.

4.3 Conhecimentos sobre medidas profiláticas

Foi indagado se os alunos sabiam o que eram medidas profiláticas contra o HIV (Gráfico 4) e a maioria respondeu que sim, 56,5% (13 ao todo), enquanto 43,5% (10) disseram que não sabem o que são medidas profiláticas.

Gráfico 4- Respostas dos alunos sobre medidas profiláticas.

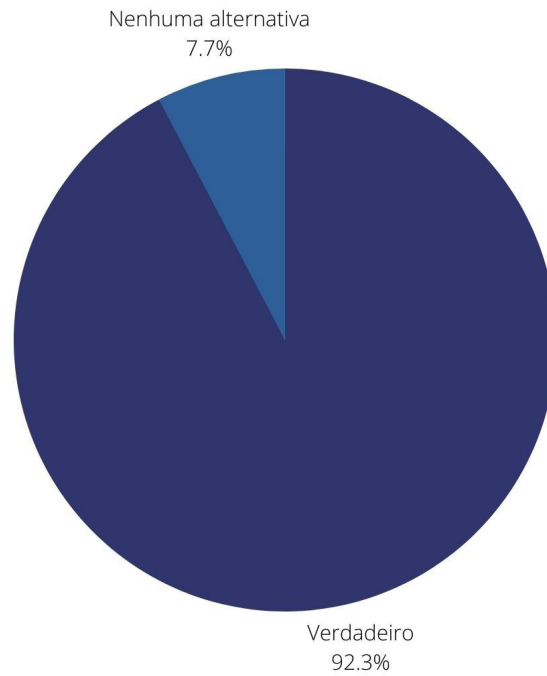


Fonte: elaborada pelo autor.

Os 13 participantes que marcaram saber o que eram medidas profiláticas foram direcionados para as seções que detalhavam mais sobre as medidas profiláticas (Gráficos 5 a 9).

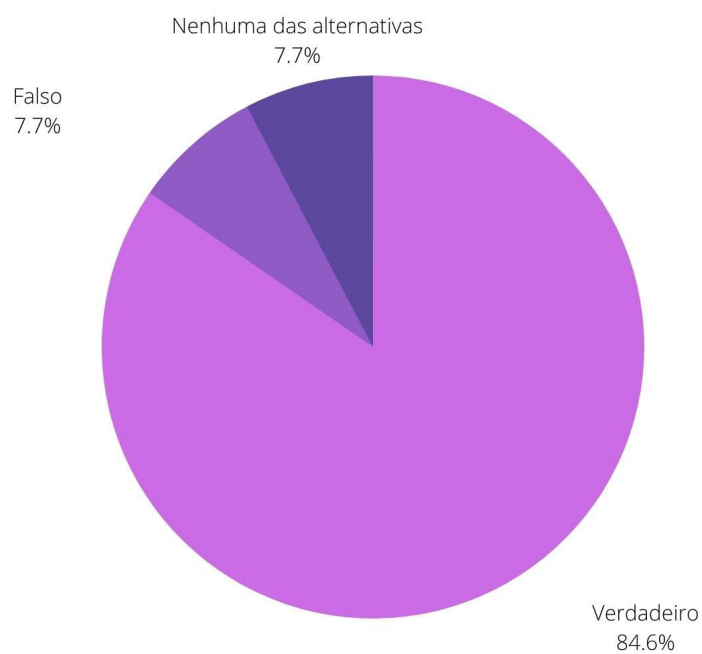
O gráfico 5 apresenta dados referentes à questão sobre a importância do preservativo. Fica visível que a maioria dos alunos 92,3% (12 dos 13 que responderam essa questão) sabem que a camisinha é uma medida profilática contra o HIV. Enquanto 7,7% (1 estudante) não compreendem que a camisinha é uma medida de prevenção contra o HIV. A popularidade do preservativo é muito grande, mas muitos jovens o utilizam primariamente como uma função de evitar uma gravidez indesejada, e com isso acabam também se prevenindo contra IST. Esse é o ponto também abordado por Madureira, Marques e Jardim (2010) que afirmam que a utilização dos métodos contraceptivos que previnem a gravidez, também acaba por consequência prevenindo a contaminação por doenças sexualmente transmissíveis. Com a compreensão a respeito dos métodos contraceptivos, e os seus eventuais riscos advindos de atos sexuais sem proteção, é de extrema importância para que os adolescentes consigam vivenciar o sexo de maneira segura, e com isso evitando uma futura gravidez indesejada, estes acabam por evitar IST como a causada pelo HIV que pode levar ao desenvolvimento da AIDS. Para averiguar os conhecimentos sobre profilaxia no cotidiano, foi perguntado aos estudantes se eles sabiam sobre o risco de se contaminar com materiais cortantes utilizados por outras pessoas. A maioria dos alunos respondeu ser verdade (84,6% ou 11 estudantes), enquanto 7,7% (1 aluno) responderam ser falso e 7,7% (1 aluno) afirmaram que nenhuma das alternativas está correta (Gráfico 6).

Gráfico 5 - Respostas dos alunos a respeito da função do preservativo.



Fonte: elaborada pelo autor

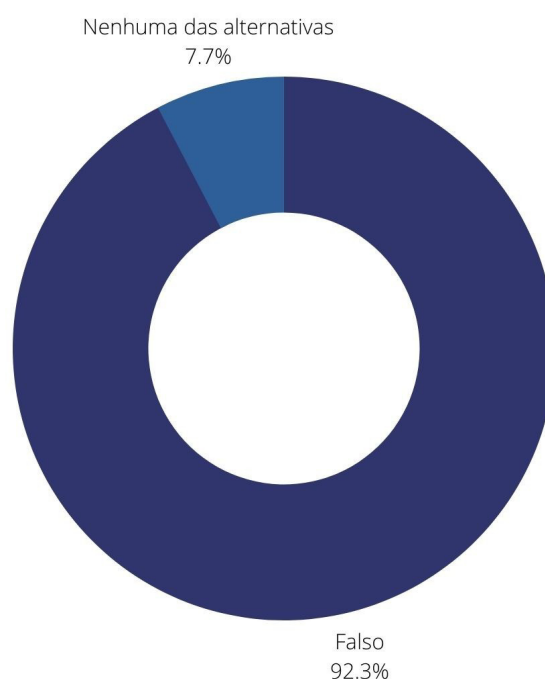
Gráfico 6 - Opinião dos estudantes a respeito de contaminação através de materiais perfurocortantes.



Fonte: elaborada pelo autor.

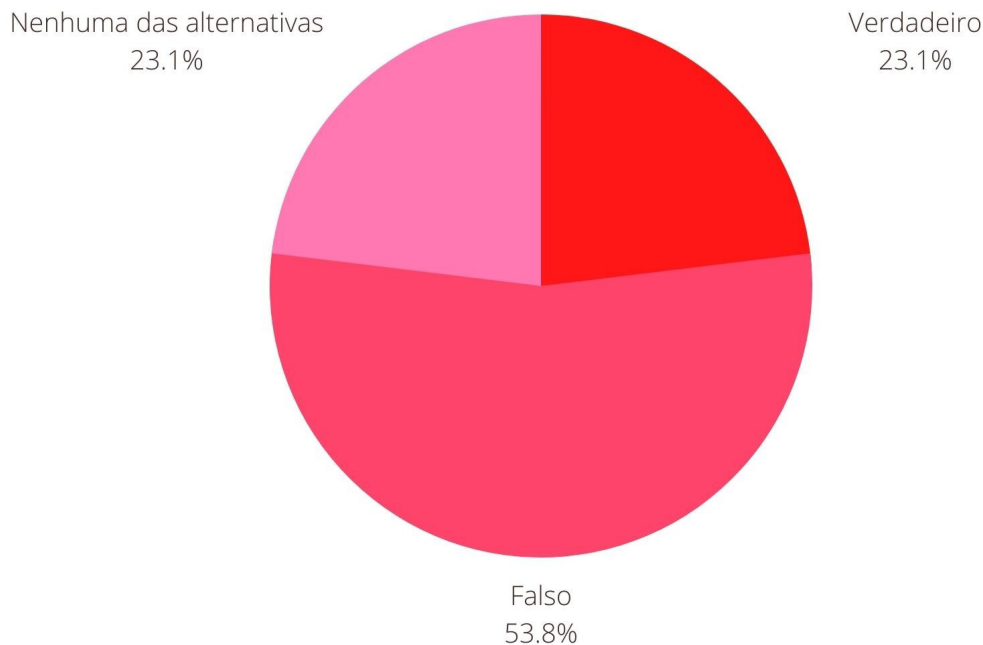
Os estudantes também foram questionados se o abraço poderia ser uma fonte de contaminação do HIV e a grande maioria (92,3%) afirmou ter conhecimento que o abraço não é uma maneira de contágio contra o HIV, enquanto 7,7% dos 13 estudantes afirmaram não ser nenhuma das alternativas disponíveis (Gráfico 7).

Gráfico 7 - Opinião dos alunos sobre o contato físico ser uma possível fonte de contaminação.



Fonte: elaborada pelo autor

Os alunos foram questionados se os utensílios como talheres e copos são possíveis fontes de contaminação do HIV e mais da metade dos alunos, 53,8% (7 ao todo), afirmam que talheres e copos não são fontes de contaminação, enquanto 23,1% disseram que sim que podem ser fontes de transmissão, e a outra parcela de estudantes 23,1% afirmaram não ser nenhuma das alternativas (Gráfico 8).

Gráfico 8 - Resposta dos alunos a respeito de condutas profiláticas

Fonte: elaborada pelo autor.

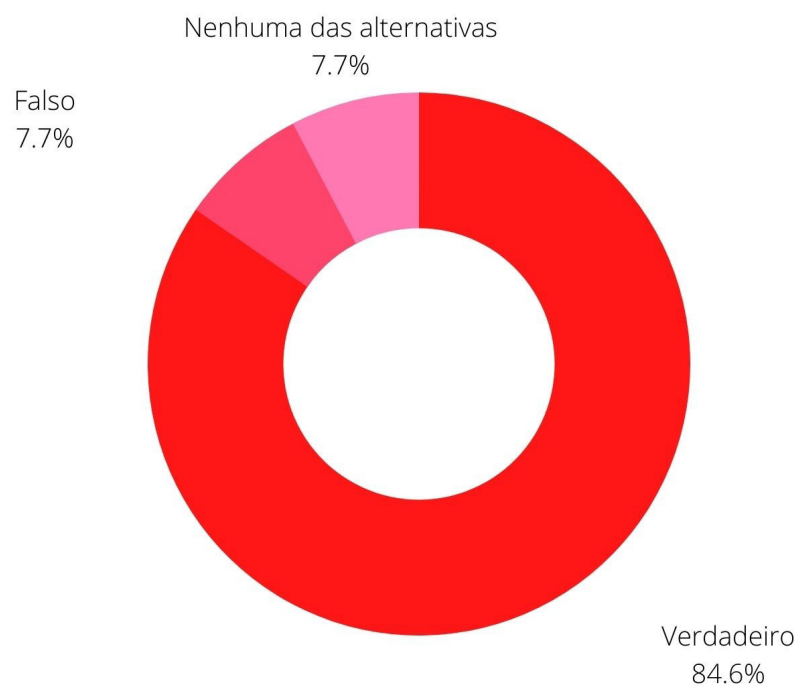
Apesar dos resultados indicarem que os estudantes que responderam a essa seção do questionário conheciam sobre a profilaxia, quase metade dos estudantes que iniciou respondendo ao formulário afirmou desconhecer sobre os métodos profiláticos. Esses dados foram usados para elaboração do material educativo. De acordo com Lira (2019), propor ações no ambiente escolar pode ajudar na sensibilização dos adolescentes para mudanças de comportamento, mas é preciso mostrar confiança e usar palavras de fácil compreensão para eles. No caso do HIV, essas ações assumem ainda maior importância, pois se verifica que existe muito preconceito relacionados aos portadores, mesmo sabendo que “Dividir o mesmo ambiente com alguém que tenha o vírus da AIDS, apertar a mão de pessoas infectadas ou trabalhar ao lado delas não oferecem nenhum risco” (GIV, 2021).

4.4 Serviços gratuitos disponíveis no SUS

Nessa etapa foi perguntado se a doação de sangue é uma maneira de saber que a pessoa está contaminada com o HIV. A maioria 84,6% (11 ao todo) diz ser verdadeiro porque o sangue passa por exame antes de ser doado, enquanto 7,7% (1) pessoa disse ser falso e outro aluno 7,7%

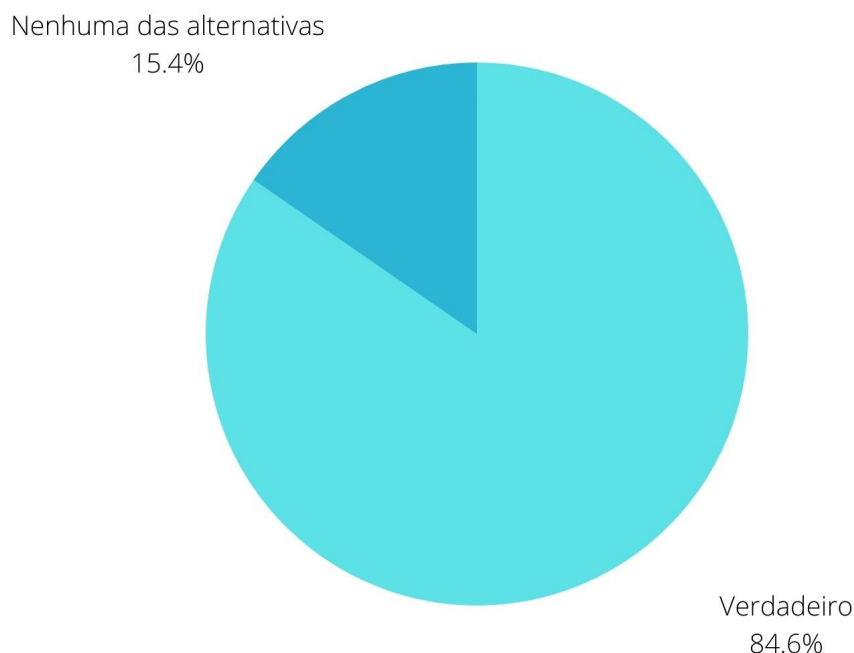
(1) disse não ser nenhuma das opções disponíveis (Gráfico 9). Na questão sobre a gratuidade do exame do HIV (Gráfico 10), a maioria dos alunos que respondeu a essa questão, 84,6% (11 de 13) afirmam ter conhecimento que o exame do HIV é gratuito pelo Sistema Único de Saúde. Enquanto, 15,4% (2) dos estudantes desconhece se é falso ou verdadeiro, marcando “nenhuma das opções disponíveis”.

Gráfico 9 - Opinião dos alunos sobre a importância da doação de sangue como uma medida preventiva.



Fonte: elaborada pelo autor.

Gráfico 10 - Opinião dos alunos a respeito da gratuidade dos serviços públicos.



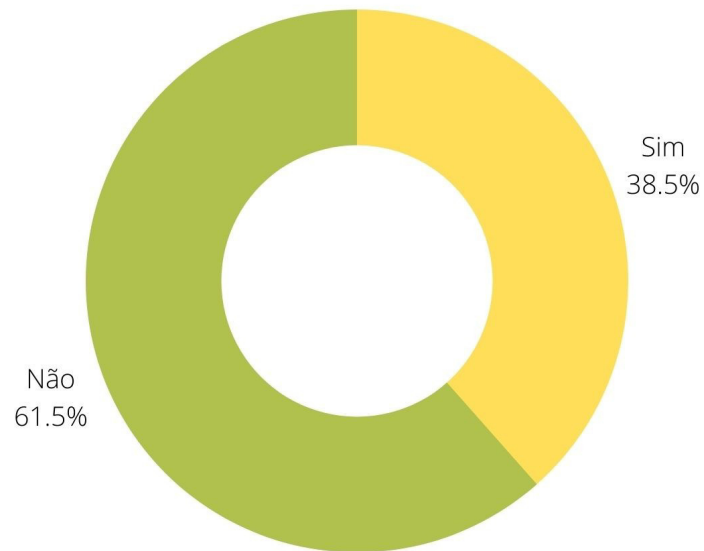
Fonte: elaborada pelo autor.

Percebe-se que a maioria dos estudantes está bem-informada a respeito de que ao doar sangue, este passa por exames, e também da gratuidade do exame HIV pelo SUS, mas cerca de 15% ainda não sabem da triagem e da importância da doação de sangue e também dos serviços públicos oferecidos nos postos dos bairros. Segundo Brasil (2016), os exames clínicos de sorologia são capazes de detectar infecção por hepatite B e C, HIV, Sífilis, Chagas e HTLV, sendo usada a metodologia de quimiluminescência de alta sensibilidade, que identifica infecções no seu período de início.

4.5 Conhecimento sobre Profilaxia Pré-Exposição e Profilaxia Pós-Exposição de Risco

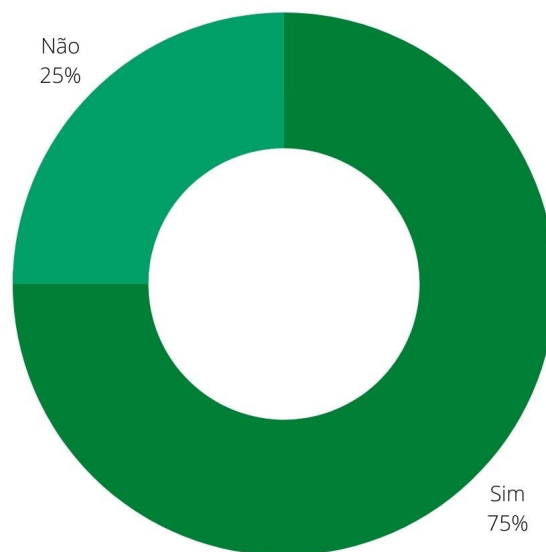
Foi perguntado se eles sabem o que significa PEP (Gráfico 11), a maioria dos alunos (61,5%) afirmou não saber o que é PEP, enquanto 38,5% (5) disseram que sim que sabem do que se trata. Nesse ponto do formulário, começa a diminuir o número de estudantes que afirmam ter conhecimento e portanto, que vão continuar respondendo ao questionário. A pergunta seguinte foi a respeito se eles sabem o que significa a PrEP (Gráfico 12), somente 4 estudantes responderam esse item, três afirmaram conhecer e 1 não saber do que se trata.

Gráfico 11 - Resposta dos alunos sobre o que é a Profilaxia Pós-Exposição de Risco



Fonte: elaborada pelo autor

Gráfico 12 -Resposta dos alunos a respeito da Profilaxia Pré-Exposição



Fonte: elaborada pelo autor.

Provavelmente ainda há uma grande barreira, seja da mídia e seja de campanhas

publicitárias dos sistemas públicos para divulgar essas medidas profiláticas da PEP e da PrEP, certamente essas medidas são melhores divulgadas e conhecidas por estudantes no âmbito acadêmico dos cursos de saúde.

“Profilaxia é um termo utilizado principalmente nas áreas da medicina e da epidemiologia, e diz respeito às práticas que evitam a contaminação e subsequente propagação de doenças, nesse caso, quando falamos de medidas de profilaxia relativas ao contágio pelo vírus HIV, nos referimos aos métodos de proteção” (DORIN et al., 2021, p. 15)

Nesse ponto, uma sugestão seria de aumentar o alcance para que mais pessoas possam ter acesso à informação sobre esse serviço gratuito, pois isto pode evitar muitas infecções de pessoas com mais vulnerabilidade social. Ainda em relação à PEP e PrEP, as concepções dos estudantes sobre o que é PEP e PrEP foram analisadas a partir de suas respostas. Para Matos e Jardimino (2016, p. 24), “as concepções podem informar como as pessoas percebem um determinado fenômeno” e assim formar conceitos. Abaixo são transcritas as respostas:

“É uma medida de prevenção de urgência a infecção pelo hiv” (**Estudante 1**)

“É uma medida de prevenção de urgência a infecção pelo HIV e entre outras infecções”
(**Estudante 2**)

“e o uso de medicamentos antirretrovirais por pessoas após terem tido um possível contato com o virus HIV em situações como : violência sexual; relação sexual desprotegida (sem o uso de camisinha ou com rompimento da camisinha ” (**Estudante 3**)

“São agente públicos (eletivos ou não) que desempenham ou, desempenharam nos últimos cinco anos, em qualquer lugar do mundo cargos, empregos e funções de alta relevância”
(**Estudante 4**)

Os estudantes 1 e o 2 acreditam que a PEP é uma prevenção de urgência. Esse conceito adequa-se para PEP, pois a palavra prevenção é a principal abordagem. Com isso, percebe-se que os alunos certamente já tinham algum conhecimento sobre essa medida, e que os estudantes 1 e 2 tem percepções bem parecidos. Para o estudante 3, PEP é algo mais complexo, este fala dos medicamentos e já aborda na sua definição situações em que é preciso utilizar este protocolo de urgência. Observa-se que esses três estudantes se aproximam do conceito do que é a PEP, pois está inserida nas estratégias da prevenção combinada, ampliando as formas de intervenção para evitar infecções pelo HIV (BRASIL, 2017). Já o estudante 4 aborda assunto não relacionado com a PEP, o que reforça a necessidade de se trabalharem mais esses conceitos em sala.

Ao analisar as respostas sobre o que é PrEP, vemos que há um consenso entre as concepções. Seguem abaixo algumas respostas colhidas no formulário:

“Combinação de dois medicamentos.” (**Estudante 1**)

“É prevenir a infecção pelo HIV e promover uma vida mais saudável.” (**Estudante 2**)

“ PrEP é prevenir a infecção pelo HIV e promover uma vida sexual mais saudável.”
(**Estudante 3**)

“A profilaxia Pré-Exposição de risco à infecção pelo HIV consiste no uso preventivo de medicamentos antirretrovirais antes da exposição sexual ao vírus, para reduzir a probabilidade de infecção pelo HIV. ” (**Estudante 4**)

Percebe-se que para o 1 estudante o conceito de PrEP é a combinação de dois medicamentos, já para o estudante 2 trata-se de prevenção e promoção de uma vida mais saudável.

O estudante 3 fala da prevenção do HIV e também da questão da vida saudável. Observa-se que os alunos 2 e 3 tiveram respostas parecidas, isso provavelmente ocorreu através do recurso da internet. O estudante 4 fala da profilaxia contra o HIV, que serve para diminuir a probabilidade de contágio. As palavras prevenção e o discurso de promover uma vida mais saudável aparece como consenso nas respostas dos alunos de que a PrEP é um medicamento e que sua função é evitar a infecção do vírus HIV no corpo. Essas respostas a essas perguntas mostram que provavelmente os alunos já ouviram falar sobre a PEP e PrEP, parecendo ter ideia bastante de qual é a função destes protocolos. No entanto, nesse ponto do formulário somente os alunos que afirmavam conhecer as medidas profiláticas responderam, reforçando que ainda há muito o que se trabalhar sobre essa temática. A educação em saúde continua sendo um desafio e as experiências têm mostrado que transmitir informações sobre o funcionamento corporal, físicas e de doenças e hábitos de higiene não é o bastante para que os alunos desenvolvam atitudes de vida saudável (BRASIL [s.d.]).

4.6 Perguntas pessoais e de convívio social

Nesta etapa, todos os estudantes responderam de maneira não obrigatória perguntas a respeito de seu convívio social e a respeito de sexo. A primeira pergunta foi: Com quem você se sente mais à vontade para conversar sobre sexo? (Tabela 4).

Tabela 4- Respostas dos alunos sobre perguntas pessoais.

RESPOSTAS	TOTAL
Amigos/ Colegas	9
Pais	8
Com ninguém/	5
Professores	1

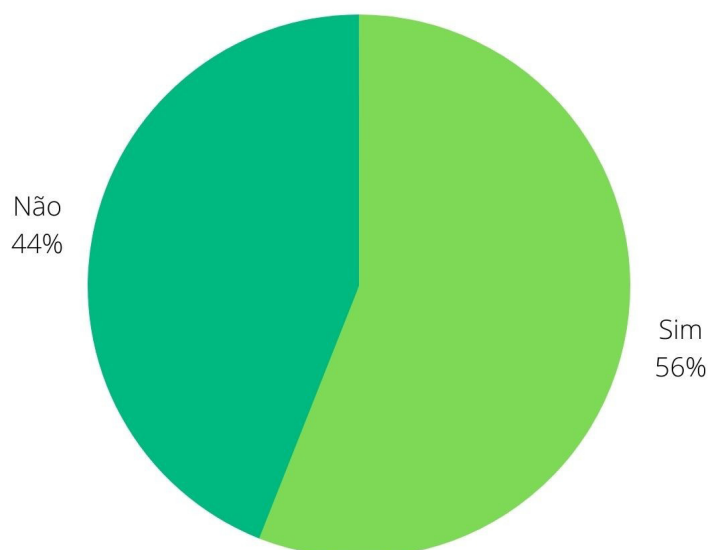
Fonte: elaborada pelo autor.

Percebe-se que a maioria dos estudantes prefere conversar com seus amigos a respeito dessas condutas e dúvidas sobre sexualidade. Certamente, o aluno pode se sentir mais confortável com os seus colegas porque é com eles que estão passando no momento pela mesma fase, e também muitos pais não estão presentes na vida dos filhos, e outros ainda acham um tabu muito grande essa conversa sobre educação sexual. Segundo Costa *et al.* (2014), a eficácia da comunicação entre filhos e pais, a respeito da sexualidade é alarmante, o que pode acabar colaborando para a vulnerabilidade dos adolescentes porque acaba se perdendo uma oportunidade privilegiada de informação adequada, sobre sexo com segurança riscos por ISTs e AIDS e uma gravidez não planejada.

A última questão tinha o objetivo de saber se os estudantes gostariam de receber um material informativo (Gráfico 13). A maioria 56% (14 ao todo) afirmou que gostaria de receber um material

informativo, mas a outra parte (44%) afirmou não estar interessada no material. Acredita-se que a grande parcela de alunos após a leitura do material, mesmo aqueles que não o queriam, pode acabar gostando e esclarecendo algumas dúvidas.

Gráfico 13- Opinião dos estudantes sobre a criação do folder

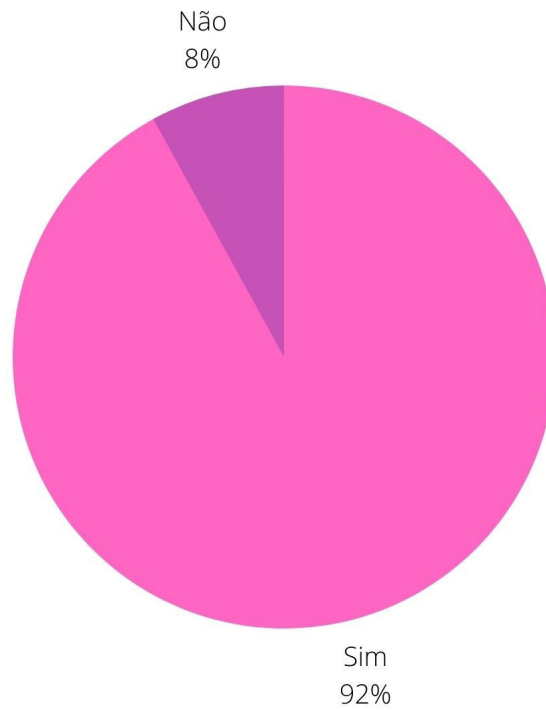


Fonte: elaborada pelo autor.

4.7 Avaliação do folder

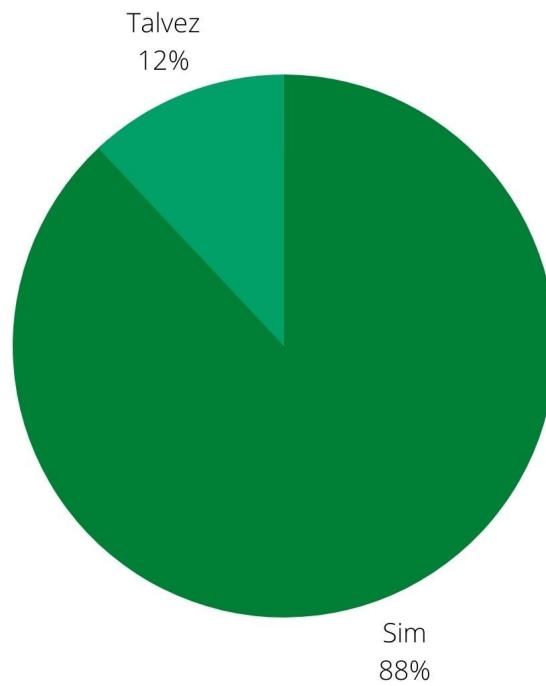
O folder foi entregue 1 dia antes do formulário de avaliação, que ficou disponível por um período de 48 horas. Responderam ao formulário para avaliação do folder 25 alunos. Observa-se que a maioria dos alunos (92%) apreciou o folder, frente a 8% (2) que afirmaram não ter gostado (Gráfico 14). Já em relação ao esclarecimento das dúvidas, para a maioria dos estudantes, 88% (22 ao todo), a leitura do folder esclareceu suas dúvidas, enquanto para 12% (3) alunos talvez tenha esclarecido (Gráfico 15). Assim, a grande maioria conseguiu entender, provavelmente pela linguagem clara e direta do material educativo (Apêndice B), esclarecendo dúvidas que eles já tinham sobre o HIV.

Gráfico 14-Resposta dos estudantes sobre o folder.



Fonte: elaborada pelo autor.

Gráfico 15 -Resposta dos alunos sobre o conteúdo do folder

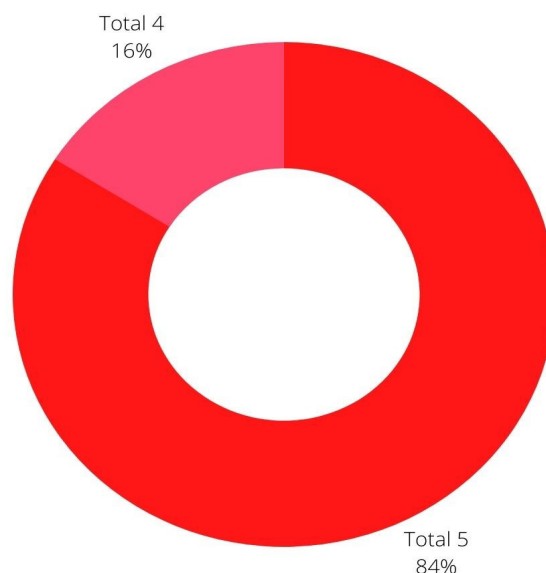


Fonte: elaborada pelo autor.

No formulário de avaliação, havia uma questão para os alunos avaliarem o folder com notas de 1 a 5 (Apêndice C). A maioria (84%) escolheu 5, que representa ótimo, e o restante (16%)

escolheu nota 4, que representa bom (Gráfico 16). O folder não foi avaliado de forma negativa por nenhum dos 25 estudantes que participaram.

Gráfico 16 - Avaliação do folder por nota.



Fonte: elaborada pelo autor.

Na última questão sobre o folder, foi solicitada a opinião dos alunos e sugestão para melhorar. Esta questão era subjetiva e as respostas foram transcritas a seguir.

- “ Nada” **(Estudante 1)**
- “Nao ha nada pra melhorar ” **(Estudante 2)**
- “Alguma forma de chamar mais atenção do publico” **(Estudante 3)**
- “Não é preciso melhorar nada ” **(Estudante 4)**
- “Na minha opiniao ja está ótimo, esclareceram ate dúvidas bobas que eu tinha” **(Estudante 5)**
- “Na minha opinião, nada” **(Estudante 6)**
- “ Pra mim tava ótimo, simples, bem elaborado... pra mim ta ok ” **(Estudante 7)**
- “ Para mim está bom ” **(Estudante 8)**
- “ Está perfeito, Parabéns ” **(Estudante 10)**
- “ Achei muito porque explica coisas que você não sabe sobre o HIV, acho que precisa melhora um pouco, mas nao ótimo ” **(Estudante 12)**
- “ Na minha opinião nao precisa melhorar nada, no folder ficou bem explicativo sobre a doença e como ela é transmitida , e tbm sobre a forma de se prevenir ” **(Estudante 13)**
- “Acho que nada, esclareceu bem as dúvidas que eu tinha” **(Estudante 14)**
- “Nao sei” **(Estudante 15)**

A maioria das respostas pode ser agrupada na categoria de nenhuma demanda de melhoria. Nota-se que o estudante 1 provavelmente gostou muito do material porque para ele não precisa de nada, o estudante 2 também acredita que já está bom. Já o estudante 3 faz sua crítica, afirmando que necessita de algo mais impactante para chamar a atenção dos alunos. O que mais fica

em destaque é que muitos acreditam que não precisa melhorar o folder, percebe-se que a grande maioria teve uma crítica positiva e deixou comentários construtivos sobre o folder. Mesmo com a maioria afirmando que não precisa melhorar em nada, sabemos que sempre há algo que precisa ser aprimorado. O relato que mais se destaca na minha concepção é o do estudante 5, no qual ele afirma que está ótimo e que o folder pode esclarecer as pequenas dúvidas que ele ainda continha e com isso, associa-se ao objetivo a que se propôs esse trabalho que foi o de esclarecer pequenas dúvidas que os estudantes ainda tinham. Já para o estudante 3 houve pouco impacto que despertasse o seu interesse, isso é uma percepção interessante e que pode ajudar na construção de futuros projetos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo os resultados desta pesquisa, observa-se que a grande parte dos estudantes participantes tem uma concepção correta sobre HIV/AIDS, mas ainda existe uma pequena parcela de alunos que não entendem essa temática. Esses dados reforçam a necessidade do trabalho contínuo de educação em saúde, pois adolescentes pouco informados se encontram na faixa etária mais vulnerável de uma possível infecção pelo HIV e outros agentes causadores de IST.

Ainda sobre o conhecimento, os estudantes participantes da pesquisa mostraram estar bem conscientes sobre a forma de contaminação. A maior parte afirmou saber que o HIV não é transmitido por talheres, copos e abraços, bem como eles já entendem que não se deve compartilhar, nem usar objetos perfurocortantes utilizados por outras pessoas. Entretanto, ainda existe uma pequena parcela que precisa ser melhor orientada sobre essas condutas.

Em relação a assuntos importantes relacionados a exames e tratamentos ofertados pelo SUS, alguns relatam ter conhecimento que exames que são feitos no sangue de doadores conseguem detectar a presença de uma infecção pelo HIV e também sabem da gratuidade do exame pelo SUS.

Um dado importante é que os estudantes ainda não se sentem tão confortáveis, ou não têm abertura ou não há intimidade o suficiente para conversar com os seus pais sobre temas a respeito de sexualidade e sexo. Isso é um grande problema, porque geralmente os adolescentes procuram se informar com amigos e colegas algo que poderia ser dialogado e resolvido em casa.

O ambiente escolar é um ambiente bastante estimulante e propício para esclarecer as dúvidas dos alunos, temáticas relacionadas à sexualidade, pois é normal que a juventude tenha certos tipos de dúvidas. Esse ambiente deve tentar auxiliar esses jovens para que consigam refletir sobre suas ações e os ensinar para que eles não propaguem mentiras e estereótipos sobre o HIV.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Eduardo F. **Instrumentos e coletas de dados em pesquisas educacionais**. N.I, dez. 2008. Disponível em: http://www.inf.ufsc.br/~vera.carmo/Ensino_2013_2/Instrumento_Coleta_Dados_Pesquisas_Educacionais.pdf. Acesso em :31 Abr. 2021.
- BELISSE, Claudia Leila. **Atividade Sexual Precoce na Adolescência: A importância da educação sexual nas escolas.** Projeto de Desenvolvimento Educacional (Pde), Paraná, p. 2-15, jan. 2009. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1460-8.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ciencias.pdf>. Acesso em 02 mar.2021.
- BRASIL. Ministério da Ciência, Tecnologia e inovações. **Hosite do Inpa “Vírus que circulam” traz informações sobre doenças virais e prevenção**. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mcti/pt-br/rede-mcti/inpa/noticias/hotsite-do-inpa-201cvirus-que-circulam201d-traz-informacoes-sobre-doencas-virais-e-prevencao>. Acesso em: 05 ago. 2021.
- BRASIL. Ministério da Saúde (MS). **Diretrizes nacionais para a atenção integral à saúde de adolescentes e jovens na promoção, proteção e recuperação da saúde**. Brasília: MS; 2010. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_nacionais_atencao_saude_adolescentes_jovens_promocao_saude.pdf Acesso em:02 mar 2021.
- BRASIL. Ministério da saúde. **Boletim epidemiológico HIV/Aids 2020**. 2020. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2020/boletim-epidemiologico-hiv-aids-2020>. Acesso em: 18 maio 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Temas contemporâneos transversais na bncc: contexto histórico e pressupostos pedagógicos**. Contexto Histórico e Pressupostos Pedagógicos. 2019. Disponível em: basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/contextualizacao_temas_contemporaneos.pdf. Acesso em: 19 maio 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular: educação é a base**. [2018?]. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 20 maio 2021.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Casos de Aids diminuem no Brasil: boletim epidemiológico sobre a doença aponta queda na taxa de detecção de aids no país desde 2012**. Boletim Epidemiológico sobre a doença aponta queda na taxa de detecção de Aids no país desde 2012. 2020. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/noticias/casos-de-aids-diminuem-no-brasil>. Acesso em: 28 fev. 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais – saúde**. [s.d.]. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/saude.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Prevenção combinada: conheça as formas de prevenção ao**

hiv, às ist e às hepatites virais. Conheça as formas de prevenção ao HIV, às IST e às hepatites virais. [s.d.] Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/publico-geral/previna-se>. Acesso em: 28 fev. 2021

BRASIL. Ministério da Saúde. **Doenças de condições crônicas e infecções sexualmente transmissíveis.**[s.d.]. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/publico-geral/prevencao-combinada/profilaxia-pre-exposicao-prep>. Acesso em: 08 agost. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Protocolo clínico e diretrizes terapêuticas para profilaxia pós-exposição (PEP) de risco à infecção pelo HIV, ist e hepatites virais.** 2017. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/protocolo_clinico_diretrizes_terapeuticas_profilaxia_exposicao_HIV_IST_hepatites_virais.pdf. Acesso em: 08 agosto 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Doenças de condições crônicas e infecções sexualmente Transmissíveis.**[s.d.].Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/faq/qual-e-diferenca-entre-prep-e-pep>. Acesso em: 20 maio 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **A vida é mais forte que a AIDS.** 2006. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/periodicos/saude_brasil_novembro_2006.pdf. Acesso em: 02 abr. 2021

BRASIL. Ministério da Saúde. **Triagem durante doação de sangue garante transfusão saudável.** 2016. Disponível em: <https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/noticias/1229-triagem-durante-doacao-de-sangue-garante-transfusao-saudavel>. Acesso em: 05 ago. 2021.

BRITO. Ana Maria de; CASTILHO, Euclides Ayres de; SZWARCOWALD, Célia Landmann. AIDS e infecção pelo HIV no Brasil: uma epidemia multifacetada. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, [S.L.], v. 34, n. 2, p. 207-217, abr. 2001. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0037-86822001000200010>. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0037-86822001000200010. Acesso em: 27 fev. 2021.

BUSS. Paulo Marchiori. Promoção da saúde e qualidade de vida. **Ciência & Saúde Coletiva**, [S.L.], v. 5, n. 1, p. 163-177, 2000. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-81232000000100014>. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232000000100014. Acesso em: 18 abr. 2021.

CAMPANA, Pedro. Aids no Brasil: do primeiro caso à estruturação das políticas de saúde. do primeiro caso à estruturação das políticas de saúde. **Carta Capital** 2019. São Paulo, 15 de julh de 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/saudelgbt/aids-no-brasil-do-primeiro-caso-a-estruturacao-das-politicas-de-saude/>. Acesso em: 28 fev. 2021

COSTA, Mariana Aparecida; RABELO, Natália Silva; MORAES, Isabela Cristina Martins; SIQUEIRA, Fernando Carvalho de Macedo; CABRAL, Elen Soraia Menezes. FATORES QUE OBSTAM NA COMUNICAÇÃO ENTRE PAIS E FILHOS ADOLESCENTES SOBRE SEXUALIDADE. **Reufsm: Revista de Enfermagem da UFSM**, Divinópolis. MG, v. 4, n. 1, p. 123-132, jan. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/10216/pdf>. Acesso em: 06 ago. 2021.

DERESZ, Luís Fernando; LAZZAROTTO, Alexandre Ramos; MANFROI, Waldomiro Carlos; GAYA, Adroaldo; SPRINZ, Eduardo; OLIVEIRA, Álvaro Reischak de; DALL'AGO, Pedro. O estresse oxidativo e o exercício físico em indivíduos HIV positivo. **Rev Bras Med Esporte**, Porto Alegre RS, v. 4, n. 13, p. 275-279, jul. 2007. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbme/a/z7cjd5dvMxKV5LZjcVRdsMj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 27 fev. 2021.

DINIS, Nilson; ASINELLI-LUZ, Araci. Educação sexual na perspectiva histórico-cultural. **Educar em Revista**, [S.L.], n. 30, p. 77-87, 2007. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-40602007000200006>. Disponível em:

https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602007000200006. Acesso em: 17 abr. 2021.

DORIN, Lucas Dionisio; SILVA, Thiago Bernardino da; RENTES, Ricardo; MEDEIROS, Danuta. A PREVENÇÃO AO HIV NO BRASIL:: representações sociais, estigma e desafios dos usuários da prep. Pathos: **Revista brasileira de práticas públicas e psicopatologia**, Brasil, v. 7, n. 1, p. 11-44, jun. 2021. Disponível em:

https://revistapathos.com.br/volumes/volume_07-n.01/prevencao_ao_hiv_no_brasil.pdf. Acesso em: 06 ago. 2021.

EDMUNDO, Kátia; SOUZA, Cecília de Mello e; CARVALHO, Maria Luiza de; PAIVA, Vera. Vulnerabilidade ao HIV em favela do Rio de Janeiro:: impacto de uma intervenção territorial.

Revista Saúde Pública, Rio de Janeiro Rj, p. 127-134, fev. 2007. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rsp/a/TdF9mx5ZthPFGQsvqQWkc6w/?lang=pt>. Acesso em: 18 abr. 2021.

FIOCRUZ, Ministério da saúde. **HIV: sintomas, transmissão e prevenção**. sintomas, transmissão e prevenção. 2018. Disponível em: <https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/sintomas-transmissao-e-prevencao-hiv-dpp>. Acesso em: 28 fev. 2021.

FORTALEZA, Governo do Estado do Ceará. **Boletim epidemiológico: hiv/aids**. HIV/Aids. 2019. Disponível em: https://www.saude.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/9/2018/06/BOLETIM_AIDS_-2019_29_11_2019.pdf. Acesso em: 28 fev. 2021.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Rio Grande do Sul: Ufrgs Editora, 2009. 118 p. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/52806>. Acesso em: 15 fev. 2021.

GIV, Grupo de Incentivo à Vida. Como evitar o vírus HIV?. 2021. Disponível em:

<http://giv.org.br/HIV-e-AIDS/Como-Evitar-o-V%C3%ADrus-HIV/index.html>. Acesso em: 01 mar. 2021

GIV, Grupo de Incentivo à Vida. Como se contrai o vírus HIV?. 2021. Disponível em:

<http://giv.org.br/HIV-e-AIDS/Como-se-Contrai-o-V%C3%ADrus-HIV/index.html>. Acesso em: 05 ago. 2021.

HEILBORN, Maria Luiza; AQUINO, Estela M. L.; KNAUTH, Daniela Riva. Juventude, sexualidade e reprodução. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 7, p. 1362-1363, jul. 2006. Disponível em: <https://www.scielosp.org/article/csp/2006.v22n7/1362-1363/#ModalArticles>. Acesso em: 02 mar. 2021.

LEITE, Maria da Trindade Ferreira; COSTA, Alinne Vieira dos Santos; CARVALHO, Karla Andréia da Costa; MELO, Rosa Laura Reis; NUNES, Benevina Maria Teixeira Vilar; NOGUEIRA,

Lydia Tolstenko. Saber e prática contraceptiva e prevenção de DST/HIV/AIDS em universitários da área da saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, [S.L.], v. 60, n. 4, p. 434-438, ago. 2007. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0034-71672007000400014>. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0034-71672007000400014&script=sci_arttext. Acesso em: 03 abr. 2021.

LIRA, Jaqueline Dayane de. **O papel da educação na percepção dos estudantes no contexto do HIV/AIDS**. 2019. 47 f. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, Universidade Federal de Pernambuco, Vitória de Santo Antão, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/32052>. Acesso em: 05 ago. 2021.

MADUREIRA, Luciana; ROSA MARQUES, Isaac; PEREIRA JARDIM, Dulcilene. Contracepção na adolescência: Conhecimento e uso. **Cogitare Enfermagem**, vol. 15, núm. 1, enero-marzo, 2010, pp. 100-105 Universidade Federal do Paraná Curitiba - Paraná, Brasil. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=483648970019>. Acesso em: 05 ago. 2021.

MAGALHÃES, Ana Paula Rodrigues de; GABRIEL, Lorrant Cavanha; FREITAS, Mayara Cristina; BARREIROS, Patrícia Vieira Soares; BERNARDES, Rafael; SILVA, Rosana Giabardi da; SANTOS, Sulimara dos; PASCHOI, Tatiane Pereira. **Juventude e sexualidade: descobertas e riscos**. Grupos de Estudo 2. UEL – Universidade Estadual de Londrina, PR, 2008. Disponível em: www.uel.br/grupo-estudo/gaes/pages/arquivos/GT2%20Artigo%20Ana%20Paula%20Juventude%20e%20sexualidade.pdf. Acesso em: 02 mar. 2021.

MARINHO, Julio Cesar Bresolin; SILVA, João Alberto da; FERREIRA, Maira. A educação em saúde como proposta transversal: analisando os parâmetros curriculares nacionais e algumas concepções docentes. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 429-444, 19dez. 2014. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-59702014005000025>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/GBGphGHFh7CZpDZNVkhc9zD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 abr. 2021.

MARTINS, Vivian; ALMEIDA, Joelma. EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA NO BRASIL:: saberes fazeres escolares em exposição nas redes e a educação on-line como perspectiva. **Revista Docência e Cibercultura**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 1-10, maio 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/51026>. Acesso em: 10 maio 2021.

MONTARDO, Jorge. A escola e a Educação sexual. **La Salle - Revista de Educação, Ciência e Cultura, Rio Grande do Sul**, v. 13, n. 1, p. 161-174, jan. 2008. Disponível em: https://revistas.unilasalle.edu.br/documentos/documentos/Educacao/V13_1_2008/12_Jorge_Montardo.pdf. Acesso em: 03 abr. 2021

NARDI, Henrique Caetano; QUARTIERO, Eliana. Educando para a diversidade: desafiando a moral sexual e construindo estratégias de combate à discriminação no cotidiano escolar. **Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)**, [S.L.], n. 11, p. 59-87, ago. 2012. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1984-64872012000500004>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sess/a/R5yj8sS5khtBxVRXZPYgK8H/abstract/?lang=pt#ModalArticles>. Acesso em: 02 abr. 2021.

SAITO, Maria Ignez; LEAL, Marta Miranda. Educação sexual na escola. *Pediatria*, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 45-48, 2000. Disponível em: https://www.academia.edu/download/39242838/Educacao_sexual_na_escola.pdf. Acesso em: 03 abr. 2021.

SANTOS, Elber José Almeida. **A influência do estigma na atuação religiosa frente ao HIV/AIDS no centro antigo de Salvador**. 2013. 85 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdades Est, São Leopoldo, 2013. Disponível em: <http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/handle/BR-SIFE/368>. Acesso em: 05 ago. 2021.

SILVA, André Felipe Cândido da; CUETO, Marcos. HIV/Aids, os estigmas e a história. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, [S.L.], v. 25, n. 2, p. 311-314, jun. 2018. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-59702018000200001>. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702018000200311. Acesso em: 25 fev. 2021.

SILVA, Clarissa Bohrer da; PAULA, Cristiane Cardoso de; LOPES, Luis Felipe Dias; HARZHEIM, Erno; MAGNAGO, Tânia Solange Bosi de Souza; SCHIMITH, Maria Denise. Atenção à saúde de criança e adolescente com HIV: comparação entre serviços. *Revista Brasileira de Enfermagem*, [S.L.], v. 69, n. 3, p. 522-531, jun. 2016. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167.2016690315i>. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672016000300522. Acesso em: 18 abr. 2021.

TOLEDO, Penélope; ARAÚJO, Gabrielle. Uso de camisinha é o meio mais eficaz de prevenção contra DSTs. 2018. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/uso-de-camisinha-e-o-meio-mais-eficaz-de-prevencao-contradsts>. Acesso em: 01 mar. 2021.

UNAIDS. Termos a evitar. [s.d]. Disponível em: <https://unaid.org.br/desafiounaids/index.php/manual/termos-a-evitar/#solano>. Acesso em: 28 fev. 2021.

UNAIDS. Você sabe o que é HIV e o que é AIDS? 2017. Disponível em : <https://unaid.org.br/2017/03/voce-sabe-o-que-e-hiv-e-o-que-e-aids/>. Acesso em: 24 fev. 2021.

VASCONCELOS, Rico. Entenda por que é um erro associar o aumento do HIV à homossexualidade. 2019. Disponível em: <https://ricovasconcelos.blogosfera.uol.com.br/2019/09/13/entenda-por-que-e-um-erro-associar-o-aumento-do-hiv-a-homossexualidade/>. Acesso em: 27 fev. 2021.

ZUCCHI, Eliana Miura; BARROS, Claudia Renata dos Santos; PAIVA, Vera Silvia Facciolla; FRANÇA JUNIOR, Ivan. Estigma e discriminação vividos na escola por crianças e jovens órfãos por Aids. **Educação e pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. 3, p. 719-734, set. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/Gvy4qY6HmKhvgL8Dj3nqLpR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 ago. 2021.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS

1) Qual é o seu gênero?

Masculino ()

Feminino ()

Prefiro não dizer ()

2) Qual sua série?

1º ano ()

2º ano ()

3º ano ()

3) Qual a sua idade? _____

4) Você sabe o que é o HIV?

Sim ()

Não ()

5) Complete: O HIV trata-se de um tipo de _____.

Planta ()

Bactéria ()

Animal ()

Protozoário ()

Vírus ()

Fungo ()

Nenhuma das opções disponíveis ()

6) Complete a frase: O HIV está relacionado com _____.

Gripe Suína ()

Covid-19 ()

Calazar ()

Dengue ()

AIDS ()

Febre amarela ()

Nenhuma das opções ()

7) Você sabe o que são medidas profiláticas contra o HIV?

Sim ()

Não ()

8) A camisinha é uma medida profilática/ preventiva contra o HIV?

Verdadeiro, sempre utilizo ela. ()

Falso, ela não serve pra nada. ()

Nenhuma das alternativas acima. ()

9) Não utilizar materiais cortantes utilizados por outras pessoas (Seringa, Prestobarba e material descartável como utilizados em tatuagem e microagulhamento) são medidas profiláticas contra o HIV?

Verdadeiro ()

Falso ()

Nenhuma das alternativas acima. ()

10) Evitar abraçar pessoas é uma medida profilática contra o HIV?

Verdadeiro, já ouvi falar que uma pessoa se contaminou ao abraçar o amigo. ()

Falso, o HIV só é transmitido por contato sexual ou sanguíneo de uma pessoa portadora do HIV ()

Nenhuma das alternativas acima. ()

11) Não utilizar talheres e copos de outras pessoas é uma medida profilática contra o HIV ?

Verdadeiro, não almoço fora de casa para evitar ser contaminado. ()

Falso, sempre almoço na casa de meus amigos e parentes e não tenho HIV. ()

Nenhuma das alternativas acima. ()

12) Fazer doação de sangue é uma maneira de saber se tenho o HIV?

Falso, doar sangue é perda de tempo. ()

Verdadeiro, o sangue é examinado. ()

Nenhuma das alternativas acima. ()

13) O exame do HIV é gratuito pelo SUS?

Falso ()

Verdadeiro ()

Nenhuma das alternativas acima ()

14) Você sabe o que é a Profilaxia Pós-Exposição ao HIV?

Sim ()

Não ()

15) Você sabe o que é a Profilaxia Pré-Exposição?

Sim ()

Não ()

16) Defina o que significa Profilaxia Pós-Exposição ao HIV?

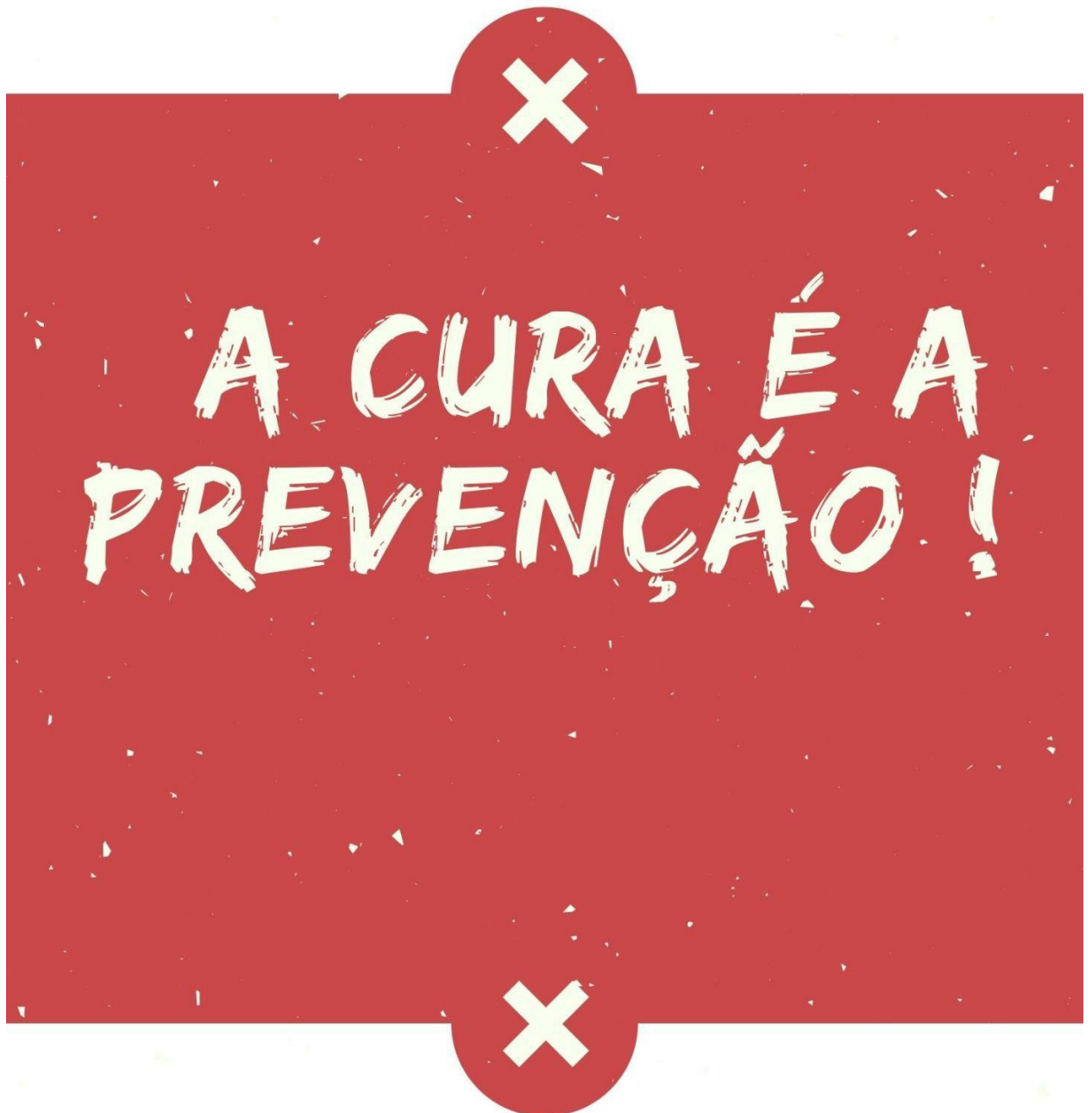
17) Defina o que significa Profilaxia Pré-Exposição?

18) Com quem você se sente mais à vontade para conversar sobre sexo?

19) Você gostaria de receber um folder informativo?

Sim ()

Não ()

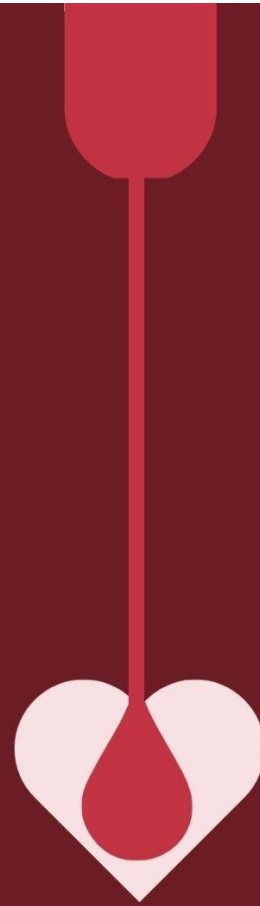
APÊNDICE B - FOLDER DISPONIBILIZADO PARA OS ALUNOS

Folder explicativo

Produção: David Marinho

*Medidas
de
prevenção*

Contra



**o
HIV**

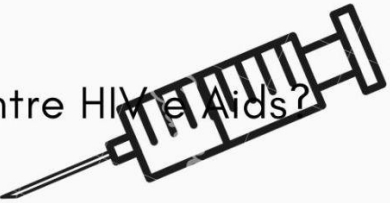




Tópicos abordados.



O que é o HIV.?



Qual é a diferença entre HIV e Aids?



Medidas Profiláticas.



Mitos e Verdade sobre o contágio do HIV



Cuide-se

Ame-se

PREVINA-SE



O QUE É O HIV ?

HIV É A SIGLA EM INGLÊS DO VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA. ESSE VÍRUS É CAUSADOR DA AIDS, ATACANDO O SISTEMA IMUNOLÓGICO, QUE É RESPONSÁVEL POR DEFENDER O ORGANISMO DE DOENÇAS.



QUAL É A DIFERENÇA ENTRE HIV E AIDS?

HIV É O VÍRUS CAUSADOR DA AIDS, QUE ATAÇA CÉLULAS ESPECÍFICAS DO SISTEMA IMUNOLÓGICO, RESPONSÁVEIS POR DEFENDER O ORGANISMO CONTRA DOENÇAS.



AIDS É A SIGLA EM INGLÊS PARA DEFINIR A SÍNDROME DA IMUNODEFICIÊNCIA ADQUIRIDA QUE É UMA DOENÇA DO SISTEMA IMUNOLÓGICO CAUSADA PELO HIV. ESSE VÍRUS ATAÇA CÉLULAS ESPECÍFICAS RESPONSÁVEIS POR DEFENDER O ORGANISMO DE DOENÇAS.

MEDIDAS PROFILÁTICAS.

RECOMENDA-SE O USO DE
PRESERVATIVO DURANTE AS
RELAÇÕES SEXUAIS

UTILIZAÇÃO DE SERINGAS E AGULHAS
DESCARTÁVEIS E O USO DE LUVAS
PARA MANIPULAR FERIDAS E LÍQUIDOS
CORPORAIS

ALTERNATIVAS DE PREVENÇÃO
COMBINADA: PREP E PEP.



PREP

PREP É PROFILAXIA PRÉ-EXPOSIÇÃO COM COMBINAÇÃO DE DUAS DROGAS (TENOFVIR + EMTRICITABINA), REDUZINDO A PROBABILIDADE DA PESSOA SE INFECTAR COM VIRUS. A PREP É INDICADA PARA PESSOAS COM ALTO RISCO PARA ADQUIRIR O HIV E PODE PREVENIR QUE A INFECCÃO SE ESPALHE PARA O CORPO.



PEP

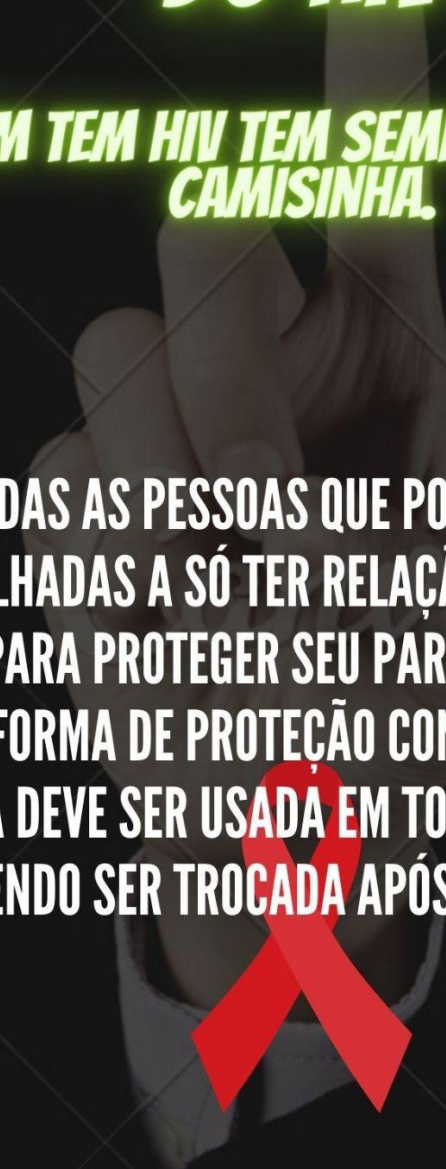
A PEP - PROFILAXIA PÓS-EXPOSIÇÃO - É O USO DE MEDICAMENTOS ANTIRETROVIRAIS POR PESSOAS APÓS TEREM TIDO UM POSSÍVEL CONTATO COM O VÍRUS HIV EM SITUAÇÕES COMO: VIOLÊNCIA SEXUAL; RELAÇÃO SEXUAL DESPROTEGIDA (SEM O USO DE CAMISINHA OU COM ROMPIMENTO DA CAMISINHA), ACIDENTE OCUPACIONAL (COM INSTRUMENTOS PERFUROCORCORTANTES OU EM CONTATO DIRETO COM MATERIAL BIOLÓGICO).



MITOS E VERDADE SOBRE O CONTAGIO DO HIV

1. QUEM TEM HIV TEM SEMPRE QUE USAR CAMISINHA.

VERDADE: TODAS AS PESSOAS QUE POSSUEM O VÍRUS HIV SÃO ACONSELHADAS A SÓ TER RELAÇÃO SEXUAL COM CAMISINHA PARA PROTEGER SEU PARCEIRO. A CAMISINHA É A MELHOR FORMA DE PROTEÇÃO CONTRA O VÍRUS HIV E POR ISSO ELA DEVE SER USADA EM TODO CONTATO ÍNTIMO, DEVENDO SER TROCADA APÓS CADA EJACULAÇÃO.

A hand is shown holding a red HIV awareness ribbon. The hand is positioned in the center of the page, with the index finger pointing upwards. The ribbon is a bright red color and is tied in a loop. The background is dark with a faint grid pattern.

2. BEIJO NA BOCA TRANSMITE HIV.

MITO: O CONTATO COM A SALIVA NÃO TRANSMITE O VÍRUS HIV E POR ISSO O BEIJO NA BOCA PODE ACONTECER SEM PESO NA CONSCIÊNCIA, A NÃO SER QUE OS PARCEIROS TENHAM ALGUMA FERIDA NA BOCA, PORQUE SEMPRE QUE HÁ CONTATO COM O SANGUE EXISTE O RISCO DE TRANSMISSÃO.



3. POSSO PEGAR HIV ATRAVÉS DO SEXO ORAL.

VERDADE: A PESSOA QUE RECEBE O SEXO ORAL NÃO TEM RISCO DE CONTAMINAÇÃO, MAS QUEM FAZ O SEXO ORAL TEM RISCO DE SER CONTAMINADO EM QUALQUER FASE, TANTO NO INÍCIO DO ATO, QUANDO HÁ SOMENTE O LÍQUIDO LUBRIFICANTE NATURAL DO HOMEM, COMO DURANTE A EJACULAÇÃO. POR ISSO É RECOMENDADO USAR CAMISINHA ATÉ MESMO NO SEXO ORAL.



4. QUEM TEM HIV TEM AIDS.

.MITO: HIV REFERE-SE AO VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA E AIDS É A SÍNDROME DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA E POR ISSO ESTES TERMOS NÃO PODEM SER USADOS COMO SINÔNIMOS. TER O VÍRUS NÃO SIGNIFICA ESTAR DOENTE E POR ISSO O TERMO AIDS SÓ É INDICADO QUANDO A PESSOA ADOCE DEVIDO À FRAQUEZA DO SEU SISTEMA IMUNE E ISSO PODE DEMORAR MAIS DE 10 ANOS PARA ACONTECER.



5. É POSSÍVEL VIVER BEM COM HIV.

VERDADE: COM O AVANÇO DA CIÊNCIA, OS ANTIRRETROVIRAIS SÃO MAIS EFICIENTES E TÊM MENOS EFEITOS COLATERAIS, TRAZENDO MAIOR QUALIDADE DE VIDA. ALÉM DISSO, HOJE EM DIA AS PESSOAS ESTÃO MAIS INFORMADAS E HÁ MENOS PRECONCEITO EM RELAÇÃO AO VÍRUS HIV E A AIDS, NO ENTANTO É IMPRESCINDÍVEL REALIZAR O TRATAMENTO TOMANDO OS MEDICAMENTOS INDICADOS PELO INFECTOLOGISTA, USAR SEMPRE CAMISINHA E REALIZAR OS EXAMES E AS CONSULTAS MÉDICAS REGULARMENTE.



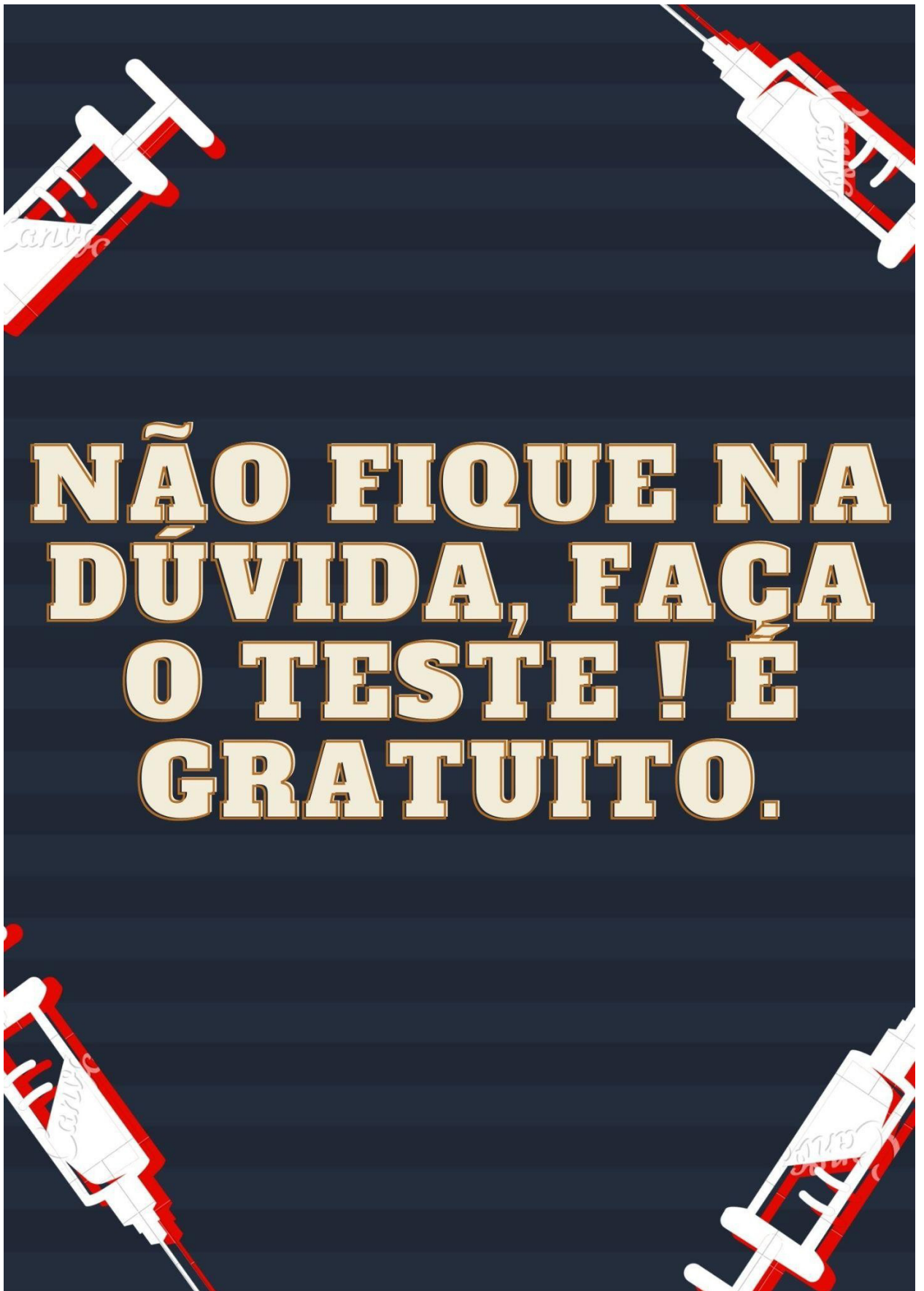
**Fica ligado em
redes sociais com
informações
confiáveis!**

A graphic of a smartphone with a black border and a white screen. The screen displays three social media handles. The background of the entire page is a gradient from light blue at the top to purple at the bottom.

@minsaude

@sbinfecto

@sitedrauziovarella



REFERÊNCIAS

BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE. DOENÇAS DE CONDIÇÕES CRÔNICAS E INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS. . DISPONÍVEL EM: [HTTP://WWW.AIDS.GOV.BR/PT-BR/PUBLICO-GERAL/O-QUE-E-HIV](http://www.aids.gov.br/pt-br/publico-geral/o-que-e-hiv). ACESSO EM: 03 ABR. 2021.

BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE HIV/AIDS: HIV OU AIDS? QUAL É A DIFERENÇA?. HIV OU AIDS? QUAL É A DIFERENÇA? DISPONÍVEL EM: [HTTP://WWW.AIDS.GOV.BR/INDETECTAVEL/HIV_AIDS.HTML](http://www.aids.gov.br/indelectavel/hiv_aids.html). ACESSO EM: 03 ABR. 2021.

BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE. PROTOCOLO CLÍNICO E DIRETRIZES TERAPÊUTICAS PARA PROFILAXIA PÓS-EXPOSIÇÃO (PEP) DE RISCO À INFECÇÃO PELO HIV, IST E HEPATITES VIRAIS. 2017. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://WWW.GOOGLE.COM/URL?SA=T&RCT=J&Q=&ESRC=S&SOURCE=WEB&CD=&VED=2AHUKEWJKLBU-DJWAHV3QZUCHFXMBPQQFJAMEGQIFXAD&URL=HTTP%3A%2F%2FWWW.SMS.SAUDE.GOV.BR%2FBVS%2FPUBLICACOES%2FPROTOCOLO_CLINICO_DIRETRIZES_TERAPEUTICAS_PROFILAXIA_EXPOSICAO_HIV_IST_HEPATITES_VIRAIS.PDF&USG=AOVVAV2NP8WHNC13SUDCPZOIZEBQ](https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2AHUKEWJKLBU-DJWAHV3QZUCHFXMBPQQFJAMEGQIFXAD&url=http%3A%2F%2Fwww.sms.saude.gov.br%2Fbvs%2Fpublicacoes%2Fprotocolo_clinico_diretrizes_terapeuticas_profilaxia_exposicao_hiv_ist_hepatites_virais.pdf&usg=AOVVAV2NP8WHNC13SUDCPZOIZEBQ). ACESSO EM: 08 AGOSTO 2021.

REFERÊNCIAS

BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE. DOENÇAS DE CONDIÇÕES CRÔNICAS E INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS. DISPONÍVEL EM: [HTTP://WWW.AIDS.GOV.BR/PT-BR/PUBLICO-GERAL/PREVENCAO-COMBINADA/PROFILAXIA-PRE-EXPOSICAO-PREP](http://www.aids.gov.br/pt-br/publico-geral/prevencao-combinada/profilaxia-pre-exposicao-prep). ACESSO EM: 08 AGOST. 2021.

SAÚDE, TUA. 10 MITOS E VERDADES SOBRE A AIDS. 2021. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://WWW.TUASAUDE.COM/MITOS-E-VERDADES-SOBRE-AIDS/](https://www.tuasaude.com/mitos-e-verdades-sobre-aids/). ACESSO EM: 10 ABR. 2021.

**APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS
(AVALIAÇÃO FOLDER)**

1) Você gostou do folder "A cura é a prevenção"?

Sim ()

Não ()

2) A leitura do folder esclareceu suas dúvidas sobre o HIV?

Sim ()

Não ()

Talvez ()

3) Qual nota você acha que o folder merece?

Muito ruim 1 () 2 () 3 () 4 () 5 () Ótimo

4) O que precisa melhorar na sua opinião?